

TENHO UMA FOTO PRA TE CONTAR

DIÁLOGOS ENTRE
O PASSADO E O PRESENTE
INCITADOS NAS MEMÓRIAS
DAS FOTOGRAFIAS

TENHO UMA FOTO PRA TE CONTAR

DIÁLOGOS ENTRE
O PASSADO E O PRESENTE
INCITADOS NAS MEMÓRIAS
DAS FOTOGRAFIAS

Organizadores

Ernani Calazans de Oliveira
Lillian Gonçalves de Melo

Colaboradores/autores

Alice Menezes Barbosa	Joyce de Fátima Pereira da Silva
Carla Aparecida Ferreira Gomes	Larissa Duarte Araújo Pereira
Cauê Araújo Arruda	Leandro Ribeiro Lisboa
Cleonice Maria Silva	Lillian Gonçalves de Melo
Dostoiwsky Americano do Brasil (Dostim)	Nehewane Pankararu Braz
Elisabeth Gomes Uchôas	Raiana Silva Soares
Ernani Calazans de Oliveira	Rayane Oliveira Silva
Gabriel Ferreira Vieira	Samara Arcanjo e Silva
Geralda Chaves Soares	Tatiana da Costa Senna
Iraelly Gomes Luiz	Witaty Braz da Silva



Montes Claros/MG



FONTENELE
PUBLICAÇÕES

São Paulo/SP

2023



Copyright © da Editora do IFNMG
Editor Executivo | Gustavo Henrique Silva de Souza
Editor Executivo | Edinei Canuto Paiva
Editora Executiva | Andreia Pereira da Silva
Bibliotecário(a) Responsável | Elciac Cristina de Sousa

Conselho Científico

Marília Dutra Massad (IFNMG/Campus Salinas)
Fabrício Silveira Santos (IFNMG/Campus Salinas)
Tiago Reis Dutra (IFNMG/Campus Salinas)
Márcio Adriano Santos (IFNMG/Campus Janaúria)
Clauber Wagner Guimarães de Menezes (IFNMG/Campus Janaúria)
Alisson Macêdo Amaral (IFNMG/Campus Arinos)
Inácio Barbosa Borges (IFNMG/Campus Arinos)
Eduardo Garrido (IFNMG/Campus Salinas)
Eliane Macedo Sobrinho Santos (IFNMG/Campus Araújo)
Tatiane Gizelle Marques Silva (IFNMG/Campus Salinas)
Aline Tátia Ferreira (IFNMG/Campus Teófilo Otoni)
Heron Walmar Santos Cruz (IFNMG/Campus Janaúria)
Márcia Rosilene Alves Damasceno (IFNMG/Campus Janaúria)
André Silva de Oliveira (IFNMG/Campus Diamantina)
Juliana Rocha de Meia Pires (IFNMG/Campus Diamantina)
Mariana Mapelli Paiva (IFNMG/Campus Almenara)
Edmara Moreira Corqueira (IFNMG/Campus Pirapora)
José Aparecido Soares Lopes (IFNMG/Campus Janaúria)
Fábio Coutinho Andrade (IFNMG/Campus Janaúria)
Dayse Aparecida Silva Pereira Coutinho (IFNMG/Campus Janaúria)
Ednilton Moreira Gama (IFNMG/Campus Almenara)
Marcos Aurélio Duarte Carvalho (IFNMG/Campus Montes Claros)
José Antunes de Macedo (IFNMG/Campus Janaúria)
Mário de Souza Santana (IFNMG/Campus Teófilo Otoni)
Carlos Alberto Lopes dos Santos de Oliveira (IFNMG/Campus Teófilo Otoni)
Marineide Almeida Rocha (IFNMG/Campus Janaúria)
Valdete Maria Gonçalves de Almeida (IFNMG/Campus Almenara)
Jeancarlo Campos Leão (IFNMG/Campus Araújo)
Tadeu Knewitz Zúbarán (IFNMG/Campus Montes Claros)

Petrônio Cândido de Lima e Silva (IFNMG/Campus Janaúria)
Alex Lara Martins (IFNMG/Campus Pirapora)
Leonardo Augusto Lopes Rodrigues (IFNMG/Campus Almenara)
Hélida Cristine Santos Mendes Barroso (IFNMG/Campus Teófilo Otoni)
Wanderson Pereira Araújo (IFNMG/Campus Janaúria)
Hélio Camilo Rosa (IFNMG/Campus Janaúria)
Pedro Henrique Prado da Silva (IFNMG/Campus Arinos)
Fernanda Kerley Queiroz Vieira (IFNMG/Campus Janaúria)
Jucielle Macedo Alves (IFNMG/Campus Janaúria)
Dayse Lucide Silva Santos (IFNMG/Campus Diamantina)
Leonardo Luiz Silveira da Silva (IFNMG/Campus Salinas)
Carlos Alexandre de Oliveira (IFNMG/Campus Montes Claros)
Edson Oliveira Neves (IFNMG/Campus Janaúria)
Roberto Comini Frota (IFNMG/Campus Janaúria)
Eduardo Cabral da Cruz (IFNMG/Campus Janaúria)
Ronaldo Medeiros dos Santos (IFNMG/Campus Salinas)
Fernanda de Lima Menezes (IFNMG/Campus Montes Claros)
Patrícia Teixeira Sampaio (IFNMG/Campus Montes Claros)
Tatiane Gomes Costa (IFNMG/Campus Janaúria)
Breno Alcântara Silva (IFNMG/Campus Janaúria)
Christian Titorrell Santana (IFNMG/Campus Pirapora)
Luana Aparecida Matos Leal (IFNMG/Campus Salinas)
Alex Sander Luiz Campos (IFNMG/Campus Salinas)
Américo Fernando de Souza Alves (IFNMG/Campus Teófilo Otoni)
Pedro Borges Pimenta Júnior (IFNMG/Campus Janaúria)
Camila Franco Batista (IFNMG/Campus Janaúria)
Josye Gonçalves Ferreira (IFNMG/Campus Janaúria)
Ramony Maria da Silva Reis Oliveira (IFNMG/Campus Diamantina)
Marli Silva Fróes (IFNMG/Campus Diamantina)



Copyright © da Fontenele Publicações
Edição | Fontenele Publicações
Revisão | Paloma Nogueira
Diagramação | Isabel Kubaski
Capa | Ingo Bertelli
Ilustração | Ernani Calazans de Oliveira

Endereço | Av. Paulista, 1765 7º Andar CV 10028 – Bela Vista
CEP: 01.311-930 – São Paulo/SP
WhatsApp: 11 98635-8887 / 95150-4383 / 95150-3481
contato@editorafontenele.com.br
www.editorafontenele.com.br

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
Capítulo 1 – Memória e Esquecimento	15
Capítulo 2 – Objetos e ambiências: memórias de pertencimento ...	31
Capítulo 3 – Feituras Regionais	53
Capítulo 4 – Jequibay: Olhares macros e micros e os saberes indígenas Pankararu Pataxó	65
Referências	93

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG

T292 2023	Tenho uma foto pra te contar: diálogos entre o passado e o presente incitados nas memórias das fotografias / Ernani Calazans de Oliveira; Lillian Gonçalves de Melo (organizadores). – Montes Claros: IFNMG; São Paulo: Fontenele, 2023.
	96 p. : il., color.
	ISBN: 978-65-88813-21-8
	Inclui referências.
	1. Fotografia. 2. Memórias. I. Oliveira, Ernani Calazans de (org.). II. Melo, Lillian Gonçalves de (org.).
	CDD: 770

Biblioteca Elciac Cristina de Sousa - CRB/6 2065
Índice para Catálogo Sistemático
1. Fotografia



Prefácio

Ao ser convidado para prefaciar este livro, fiquei por horas pensando sobre o tamanho da responsabilidade em falar de Ernani Calazans de Oliveira e Lillian Gonçalves de Melo e desta obra que eles nos trazem. Primeiro porque como colegas de profissão somos educadores, temos em nossas mãos um enorme compromisso: pelas nossas obras, nos tornamos formadores de opinião. E o que é um livro nas mãos das pessoas senão uma “porta” para abrir novas ideias. Em segundo lugar e não menos importante, eles trazem aqui por estas doces páginas o universo maravilhoso do Jequitinhonha, pesquisado, fotografado, analisado e escrito por quem de fato o conhece.

E nestas pesquisas podemos ver a relação mais do que honesta de quem entrevistou com quem foi entrevistado, desta forma os homens e mulheres do Jequitinhonha atuam nesta publicação não como meros interrogados, mas como os principais protagonistas desta região que não quer ser esquecida. As fotografias que materializam estas páginas trazem um olhar atento, sensível, são documentos iconográficos de lugares e objetos que segundo Kossoy (2022) “será somente por meio da sensibilidade, do constante esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento multidisciplinar do momento histórico fragmentariamente retratado que poderemos ultrapassar o plano iconográfico: o outro lado da imagem, além do registro fotográfico”. Observar estas fotos é enxergar a “alma” de quem as produziu, pois claramente podemos vê-las para além do seu enquadramento.

Assim, as várias narrativas que permeiam esta obra são cálidas palavras que trazem as mais diversas sensações, nos falam de memória, cultura, educação, arte, pertencimento, passado, presente, futuro, saberes, pluralidade, ciência, povos originários, enfim, uma gama

enorme de representações muito nossa e só nossa, mas que com certeza queremos dividir com quem aqui se deixar levar, a viagem é prazerosa, experimente; pois nestes “Diálogos entre o passado e o presente incitados nas memórias das fotografias” há um lugar especial para aqueles que querem ler, como bem disse Fernando Pessoa: “Ler é sonhar pela mão de outrem”. Então sonhemos.

(Dostoiewsky Americano do Brasil)

Referência Bibliográfica

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São PAULO Ateliê Editorial, 3ªedição, 2002

A photograph of a dirt road winding through a dry, hilly landscape. The road is reddish-brown and curves into the distance. The hills are covered in dry, brownish vegetation. The sky is bright blue with scattered white clouds. In the top left corner, there are some bare tree branches.

Apresentação

Os materiais que compõem esta obra são oriundos do Projeto de Pesquisa e Extensão – **Tenho uma foto pra te contar** – desenvolvido desde o ano de 2018 no Campus Araçuaí do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – IFNMG. Cabe destacar que o Projeto **Tenho uma foto pra te contar** é desenvolvido com fomento do CNPQ e do IFNMG/Araçuaí por meio de bolsas de iniciação científica e de extensão ofertadas para os estudantes do Campus Araçuaí.

A proposta desta obra é promover diálogos entre as fotografias de várias épocas rememorando-as por meio de ambiências, lugares de pertencimento, objetos, feitura e momentos familiares que permanecem nos registros do tempo, articulando-os às memórias incitadas a partir de laços de afetividade em que dialogam com o passado e o presente. Os diálogos serão incitados por meio dos registros histórico-culturais e locais por meio da inter-relação entre a Arte imagética (fotografia) e as narrativas orais (depoimentos). Os cenários apresentados neste livro foram capturados a partir de andanças dos autores da obra, pesquisas em acervos pessoais, conversas realizadas com moradores locais e várias ações desenvolvidas pelos estudantes que já participaram e participam deste projeto como bolsistas e/ou voluntários. Registrar a memória de um povo e conhecer a sua história contribui para que esse passado não seja esquecido e as culturas do Vale do Jequitinhonha continuem vivas nas gerações futuras.

O potencial desta proposta é justificado pelo fato de que as ambiências, costumes, culturas, objetos e saberes presentes são de suma importância para a preservação do passado e, ao mesmo tempo, para a significação do presente e garantia do futuro, visto que são saberes pertencentes à

memória individual e coletiva do povo campesino, dos sujeitos em suas ambiências, das mulheres artesãs, costureiras, quitandeiras e dos saberes dos povos originários. Trata-se de uma obra cujos discursos se entrelaçam e dialogam entre si e espelham a pluralidade das culturas populares do Vale do Jequitinhonha. Sendo preciso o registro e a divulgação desses saberes para que práticas que visem ao resgate, registro e preservação dessas memórias sejam incitadas a cada dia, principalmente nas instituições de ensino público como o IFNMG que possui uma responsabilidade social e educacional nessa preservação cultural e identitária dos povos aos quais essa instituição foi criada. Buscamos com este projeto valorizar manifestações da Literatura e da Arte.

A Arte de ser feliz cantando, a Arte de ser feliz dançando, pintando, tecendo, esculpindo, batucando, performatizando, teatralizando, modelando a argila, cosendo, representando e apresentando seus costumes nas festividades e nas manifestações populares. Comungamos também da Literatura e da Arte de fazer do simples o necessário para que se mantenha vivo o contexto cultural que ainda é o patrimônio de pertencimento do Vale do Jequitinhonha. Das várias manifestações artísticas, culturais e patrimoniais de um povo, a “fotografia” é aquela que carrega forte empoderamento arquivístico, histórico e provocativo; sendo a fotografia, também, aquela que quebra barreiras conceituais da humanidade, trazendo consigo documentários visuais da vida diária dos sujeitos dessa região. A fotografia tem o aspecto de nos contar muito, sem dizer uma só palavra, a fotografia grita sem fazer barulho, a fotografia incomoda sem invadir seu espaço e se invadir, consegue se esconder junto aos demais materiais do seu acervo. Ao mesmo tempo que a fotografia denuncia, ela também dialoga e se veste de literatura, sem precisar ir a uma biblioteca, pois, a fotografia é a própria biblioteca visual do indivíduo. É por meio da fotografia que se propõe – neste estudo – voltar no tempo e gerar diálogos necessários (narrativas orais), educativos e propositores de boas prosas, bons poemas e aprendizados inundados de memórias vividas. Passear por outros coletivos e perceber os espaços de convivências múltiplas e resgatar valores é construir conhecimento, além de conhecer a cultura popular dessa gente que tem lugar de fala, é reviver tempos e momentos idos. A busca pela história oral e seus registros, por meio de depoimentos, mantém viva a existência dos mais

variados coletivos dessa região. A Literatura oral é necessária para que novas gerações compreendam que o passado aliado às origens transpassa épocas e ocupa lugares de memória. Para Júnior (2008, p. 15) “a fotografia mostra, simultaneamente à sua dimensão comprobatória – a de ser uma prova da existência ontológica de um objeto – outra natureza, a puramente simbólica, que desarticula o real – viciado na tradição figurativa – ao promover e incentivar laços com o inconsciente”, pois a fotografia não deixa de provocar as lembranças, evocando visões de momentos vividos. Em outras palavras, existe o conflito entre a cena registrada em dada época e a memória associada ao fato, anos depois; o que se faz necessário para que esses fatos bem como esses personagens não caiam no esquecimento.

O primeiro capítulo aborda as fotografias que dialogam com os saberes relacionados à memória e esquecimento, retratando cenários que despertam relações sociais e familiares de outrora. O segundo capítulo retrata os objetos e suas inter-relações com a memória individual e coletiva, abarcando também os avanços nos modos de vida e como a fotografia possibilita essa retomada memorialística. O terceiro capítulo aborda os saberes que preservam a cultura e identidade de um povo a partir das feitura produzidas em grupo, atravessadas de diversas narrativas de vida. No quarto capítulo, como o projeto **Tenho uma foto pra te contar** realiza parcerias com outros projetos em desenvolvimento no IFNMG/Araçuaí, o foco das discussões são as fotografias e práticas desenvolvidas pelo projeto de pesquisa e extensão **Jequibay**, cujo objetivo foi a promoção de saberes sobre os povos indígenas Pankararu Pataxó e uso de plantas para fins medicinais.

Assim, destaca-se que é importante reviver esses espaços, sejam individuais, familiares, religiosos, sociais, atemporais, temporais, fenomenológicos e/ou educacionais, para que se possam ouvir histórias plurais, histórias vividas de maneiras felizes e/ou tristes; histórias em que as palavras são substituídas por objetos, utensílios e pertences. A partir dessa perspectiva, neste estudo o objetivo é a promoção de uma obra que possibilite aos leitores adentrarem em um universo de diálogos entre a Arte da Fotografia e as narrativas orais com o intuito de rememorar costumes, culturas, ofícios e elementos pertencentes à memória individual e coletiva dos sujeitos pertencentes ao Vale do Jequitinhonha.

The background of the page is a photograph of a wooden surface. On the left side, there is a vertical strip of wood with a blue-green patina. The rest of the image shows a darker, more natural wood grain. A circular metal fastener, possibly a brass or copper cap screw, is visible on the left side, partially obscured by the blue-green strip.

CAPÍTULO 1

Memória e Esquecimento

*Cauê Araújo Arruda
Ernani Calazans de Oliveira
Leandro Ribeiro Lisboa
Lillian Gonçalves de Melo*

No livro *Memória e Identidade* de Jöel Candau (2019), segundo Pierre Nora “*O consenso existe igualmente em reconhecer que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um “estar aqui” que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele*”.

Para Le Goff, “admite-se geralmente que memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas”. Segundo Jöel Candau (2019, p.16), “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento.

Em consonância a isso, Paul Ricoeur (2007) nos leva a compreender que a palavra memória está ligada ao objeto da memória, independentemente de se atribuir memória ao sujeito “eu”, na primeira pessoa do singular, evitando, assim, o erro de afirmar que a memória não venha a ser coletiva. Neste caso, a memória coletiva toma o lugar de ganho daquilo que se deseja evocar para o diálogo do meio, ou seja, buscar na intenção da memória o que um coletivo ganha construindo suas lembranças por meio de depoimentos tanto individuais quanto coletivos, mas que sejam diálogos para o todo.

O ato de pesquisar e registrar relatos sobre os objetos deixados, bem como fotografá-los, pauta-se no ideal de preservação das memórias e das representações identitárias, para que novas gerações tenham a oportunidade de identificar, no tempo e no espaço, quais personalidades, etnias e povos viveram na região do Vale do Jequitinhonha. Nessa perspectiva, torna-se necessário, ademais, saber quais ofícios eram desempenhados e como ocorriam as relações sociais entre gêneros. A cultura material existente no Vale do Jequitinhonha é um modo de os sujeitos preservarem sua história e identidade.

Para Fogaça (2017, p. 13), “exuberante diversidade cultural do Vale do Jequitinhonha é resultado, principalmente, de toda região ter sido destino de quilombolas à época da exploração do ouro no

século XVIII.” Ainda segundo o autor, “Enquanto os habitantes mais velhos guardam a memória de sua história, os mais jovens lutam para que essas tradições não se percam com o passar do tempo.” A arte de contar, narrar e dialogar sobre esses objetos representa o amor pela história local. É fato que só o amor não justifica a necessidade de uma educação de qualidade, mas é importante considerar que o amor citado é o signo da afetividade que o pesquisador tem pela cultura do outro, o respeito e o cuidar da história dos povos dessa região.

Cabe citar que há também o valor cultural e social presente na arte de contar e narrar histórias, para Meihy e Seawright (2020, p. 16) a história oral “está no ar e é de e para todos. Como protagonistas ou consumidores, o direito de se exprimir autêntica a condição de cidadania”, trata-se de uma condição genuína da existência humana. Assim, faz-se necessário o destaque para uma educação de qualidade, cujo ensino se volta para pensar “de dentro para fora”, sobre nós mesmos, sobre nossa gente, de modo que seja possível conhecer nossos costumes, nossas expressões populares, nossos hábitos e nosso cotidiano.

Analisar as narrativas sobre os objetos, ambiências, feitura, quadros e portas podemos relacionar aos estudos de Barbosa (2012) ao afirmar que é construir uma passagem dos idos para os novos, estabelecendo um elo do passado com o presente e preservando-o para o futuro. No decorrer dos anos, os objetos assumem valores memorialísticos que ecoam práticas laborais, históricas e sociais sendo de suma importância inter-relacionar esses saberes às práticas de ensino e aprendizagem fomentadas em instituições educacionais, assim como é realizado no IFNMG/Campus Araçuaí. A cada prática desenvolvida, seja por meio da exposição dos objetos ou de andanças em contato e registro de fotografias e narrativas, percebe-se o quanto essas histórias são únicas e, ao mesmo tempo, carregam em si elementos pertencentes à cultura e identidade de um povo atravessados pelos aspectos históricos e sociais que o permeiam. O foco deste capítulo é abordar memória e esquecimento e o quanto as reflexões são necessárias em ambientes de ensino-aprendizagem. Para isso, apresentaremos algumas

das narrativas coletadas pelos bolsistas do projeto referentes aos lugares e sujeitos de acesso de cada um.

1.1 - Fragmento 1 – entrevistador: estudante bolsista Cauê Araújo Arruda

Depoimento compartilhado por Helena Teixeira, proprietária da Fazenda Pedra Bonita. Observe a foto a seguir:



FIGURA 1 – Fazenda Pedra Bonita – Comunidade Brejo II – Itaobim-MG.
Acervo pessoal.

Para muitos seria apenas uma casa abandonada, mas para os sujeitos vinculados às memórias dessa ambiência, esse lugar tem muito a nos revelar. Segundo Helena Teixeira, proprietária da Fazenda Pedra Bonita, em meados da década de 1960, anos sombrios, destinos

familiares à própria sorte. Valdomiro Chaves e Helena Arruda, recém-chegados de Águas Formosas, se instalaram na cidade de Itaobim com as duas primeiras filhas de uma família que chegaria nos anos 1980 com mais outros quatro “projetos de Deus”. Os dois ainda muito jovens vieram atrás de uma vida melhor, com a esperança latente de oferecer melhores condições de vida para sua prole. Instalando-se “de favor” numa casinha alugada por seu “Dé Rodrigues”, irmão de “Seu Miro” que naquele momento tinha uma condição financeira melhor.

Com muito trabalho, força e vontade de vencer, “Seu Miro” foi trabalhando arduamente (ele fazia isso muito bem) até conseguir montar sua “venda” onde eram vendidos os secos e molhados. Na mesma instalação da venda, ali ficava um quartinho usado como moradia daquela família que estava dando seus primeiros passos para uma vida financeira mais tranquila e, diga-se de passagem: humanamente mais digna. O primeiro filho “homem” nasceu ali, onde a mãe, Dona Helena, trocava fraldas em meio a sacos de mantimentos da venda. Os dias cinzentos foram dando espaço a dias ensolarados: o sacrifício de tudo aquilo já estava dando frutos.

Seu Miro comprou um pedacinho de terra no Brejo II na Fazenda Pedra Bonita, comunidade rural do município de Itaobim. Começou a dividir seu tempo entre seu comércio em ascensão com os labores de sua pequena propriedade rural. Com os negócios crescendo, faltava-lhe tempo para cuidar simultaneamente do comércio e da terra. Precisava encontrar alguém para ficar na fazenda e cuidar do que já era iminente. Construiu uma casa em um determinado ponto de sua fazenda, na expectativa de encontrar um caseiro que fosse de sua confiança para cuidar dos afazeres da terra; assim teria mais tempo para se dedicar ao seu comércio na cidade. Casa construída, agora era a vez de “Seu Miro” ajudar alguém: uma irmã dele, o marido desta e sua filha (na época, o casal só tinha uma filha). Mas infelizmente não ficaram muito tempo, a saúde da garotinha era bastante fragilizada e ela não se adaptou à água daquele lugar pois era salobra. Foi, então, que o destino, mais uma vez, oportunizou a “Seu Miro” estender a sua mão mais uma vez. Ajudou alguém que, por sua vez, também o ajudaria.

Entra em cena agora a figura do Vaqueiro Zé Gonçalo. Ele era vaqueiro em Águas Formosas e durante muitos anos prestou serviço a um tio de “Seu Miro”. Com a morte de seu patrão, o “Seu Zumiro”, sua esposa “Dona Teresa”, muito chocada, não quis dar continuidade à criação de gado, precisando dispensar os serviços de Zé Gonçalo. Diante desta nova realidade, “Seu Miro” convidou Zé Gonçalo para trabalhar com ele, oferecendo-lhe moradia e um salário digno para aquele morar com sua esposa Dalila. Convite aceito, ambos foram para o Brejo II na esperança de um recomeço, com o filho, que já estava no ventre de Dalila e que era uma das razões da família apostar naquela oportunidade que estavam tendo. As últimas semanas de gravidez foram acompanhadas de diversas consultas médicas e, numa delas, descobriu-se um câncer em um dos seios de Dalila. Notícia triste, fato consumado.

Apesar do grande esforço médico, Dalila fechou os olhos para os seus e para o mundo quando seu filho Adriano estava com apenas cinco meses de vida. Quando Dalila foi morar no Brejo II, seus pais a acompanharam e foram eles que ajudaram Zé Gonçalo a cuidar do filho e a aprender a conviver com a dor do luto. Muito jovem, Zé Gonçalo se deu a oportunidade de conhecer um novo amor: Teresa, menina de hábitos simples, que vivia ali mesmo no Brejo II. O casamento foi consumado, criaram juntos, o primeiro filho de Zé Gonçalo, Adriano. A família foi aumentando com a chegada dos filhos de Zé Gonçalo e Teresa.

Como a maioria das famílias do interior, chegou-se um tempo de novas despedidas. Desta vez, Zé Gonçalo teria de se despedir de Adriano, pois este queria ir para São Paulo, onde poderia arrumar serviço e ajudar seus meio-irmãos, seu pai e Teresa. Adriano ficou pouco tempo sozinho em São Paulo, pois com o tempo, seus meio-irmãos quiseram segui-lo, pois também queriam alçar voos. E assim a casa de Zé Gonçalo começou a ficar vazia. O tempo foi passando, os filhos foram trabalhando e adquirindo estabilidade em São Paulo. É sabido que qualquer tipo de negócio passa por adversidades e quando as turbulências são humanamente incontroláveis, suas consequências às vezes são irreparáveis: os negócios de “Seu Miro” começaram a

desandar e cada vez mais estava ficando difícil honrar o pagamento merecido de Zé Gonçalo.

O declínio financeiro do patrão influenciou drasticamente nos novos rumos que as vidas de Zé Gonçalo e Teresa tomariam num futuro próximo: era preciso deixar o Brejo II. Foram de “muda” para São Paulo. A saudade dos filhos já doía demais, chegara a hora de levantar acampamento. Quanto aos pais de sua falecida primeira esposa, já eram velhos demais para viverem numa cidade grande e distante. Seu Miro ajeitou uma casinha ali mesmo na sua propriedade, onde viveram alguns anos, até a morte do senhorzinho (primeiro sogro de Zé Gonçalo). A senhorinha, ficando viúva, foi morar com um filho na cidade de Itaobim. Zé Gonçalo morou ali por volta de duas décadas, onde se mostrou homem íntegro, atendendo às perspectivas de “Seu Miro” que o tinha como um filho mais velho, aquele que merece toda a confiança de um pai, cumprindo com muita presteza a missão que lhe coubera.

Até hoje toda a família mora em São Paulo, de onde vem esporadicamente, trazendo sorrisos nos rostos já castigados pelo tempo, mas com semblantes suaves, de quem sabe viver e sobreviver. A partir de então, a casa do Vaqueiro Zé Gonçalo está vazia, abandonada, cada vez mais deteriorada com o passar dos anos. Mas a atmosfera que se tem dentro dela e a paz que aquele ambiente traz nos fazem sentir todo o amor compartilhado ali, onde o amor fluía, transbordando esperança e exalando felicidade!

1.2 - Fragmento 2 – entrevistador: estudante bolsista Cauê Araújo Arruda

Depoimento partilhado por Eliete Rodrigues Araújo, relatando um pouco de sua história. Observe a foto a seguir:



FIGURA 2 – Fachada da casa nos dias atuais – Fazenda Mutuca de Cima – às margens do Rio Jequitinhonha – Município de Virgem da Lapa-MG. Acervo Pessoal.

Fazer registros que contam uma história é como arrancar as raízes da nossa alma, não como sentimento de perda, mas como o sentimento que nos leva de volta à nossa história, aos fatos, lugares e pessoas que conosco fizeram a caminhada, deixaram suas marcas e continuam nos nossos corações. Para Eliete Rodrigues Araújo, *são emoções impossíveis de serem escritas. A partir das lembranças muito bem guardadas da minha família, a partir desta casa, contamos nossa história. A partir desta casa? Não, acabo de sentir que não! Antes é preciso lembrar-se de uma família desejada por um homem que vislumbrava um futuro promissor, não para ele, mas para a família que ele desejava construir.*

Falo do nosso pai, do nosso avô, do nosso bisavô, nosso querido “Pará”. Homem simples, vindo do sertão da Paraíba, fincando seus sonhos e projetos às margens do Rio Jequitinhonha, nas Minas Gerais, especificamente, na Cidade de Coronel Murta – MG. Homem de quase nenhuma formação acadêmica, mas de uma formação de vida que superou toda falta de uma educação formal. Conheceu nossa mãe, avó, bisavó, menina, quase criança, que aos quatorze anos, já iniciava a responsabilidade de construir uma família. Passando a metade da sua

vida com um filho na barriga, tendo dezesseis gravidezes e criando quatorze filhos.

*E foi exatamente aí, nessa casa, que vivemos os melhores anos de nossas vidas. Brincamos muito nas águas do Rio Jequitinhonha, uma fileira de crianças, que ajudava nos afazeres domésticos, da lavoura, mas que sempre ouvia do saudoso **Pará**: “Estudar cada filho é a minha maior vontade, vocês precisam estudar”. Muitas vezes expressavam seus sonhos, dizendo que queria na família advogados, professores, médicos e outros mais. Era um homem que enxergava além desse umbuzeiro, que nos servia como lugar de se fazer arte, subir, até mesmo quando não tinha frutos, mas era a simbologia das nossas maiores travessuras.*

À “Dona Cida”, cabia a tarefa de nos cuidar, de passar as noites em branco quando um filho adoecia, quando o “sarampo”, tentava tirar a vida de muitos dos seus filhos. Ao “Pará”, cabia a missão de plantar, colher, criar gado, fazer negócios para colocar seus filhos para estudar.

E o desejo se fez real. Quando a filha mais velha da família completou a idade de iniciar os estudos, “Pará” comprou uma casa na cidade, contratou uma pessoa de confiança da família e a trouxe para cuidar daquela filha que começaria a trilhar o caminho da escola formal e assim foi, a cada ano, um filho ou filha, vinha para a cidade.

Em toda sexta-feira (ao recordar, é como se fosse muito real), estudando numa escola muito próxima da nossa casa, sem muros, olhava para nossa casa e lá estava um jipe (paixão do nosso genitor) ou uns cavalos; sim, uns cavalos. Assim, ele nos levava de volta às nossas raízes, onde tínhamos um final de semana de banho no rio, de pescarias ou uma corrida de disputa passando na areia as panelas queimadas no fogão a lenha... Hoje entendo que era uma forma de minha mãe garantir a nossa ajuda, deixando as panelas queimadas no fogão à lenha, brilhando, como um espelho. Na segunda-feira, na madrugada, fazíamos o caminho de volta à cidade, pois a escola nos aguardava, e foi assim, até nossa mãe sentir a necessidade de morar na cidade, com muita resistência, mas meu pai a convenceu.

Mas as férias e muitos fins de semana continuavam sagrados, sendo o lugar que sempre voltávamos, fazendo dessa varanda desta casa o lugar dos contos e brincadeiras. Das travessuras dos irmãos mais velhos, de

fazer medo aos irmãos mais novos, com histórias calabrosas. Sendo os vagalumes nossa iluminação natural, pois não tínhamos energia elétrica.

Cada filho foi tomando seu caminho, construindo sua história. Nosso “Pará” todo orgulhoso, pois viu filhas se tornando professoras, profissionais da saúde... netas se tornando as “doutoras da advocacia”. Todos independentes, fazendo seu “Para” sentir que cumpreste tua missão. Dona “Cida” sempre ali, na labuta da vida, colhendo os frutos de uma vida tão difícil, mas de sabedoria e amor aos filhos.

Nesta casa tem a história da família do seu Pará e de Dona Cida, de 14 filhos que foram muito desejados, orientados e estimulados a valorizar a vida, os estudos, a boa convivência e não precisavam de muito para serem felizes.

Nestas lembranças precisamos dizer que de forma não esperada, em 2016, perdemos nosso “Pará”, a dor é parte das nossas vidas, mas a felicidade por ter o tido, nos faz agradecidos a Deus, pois somente um pai como ele poderia eternizar sua importância nas gerações que vieram após: netos, bisnetos, reconhecendo que a educação nos liberta e nos faz capazes de contribuir para a construção de um mundo melhor.

Dona Cida está na sua casa da cidade, onde sempre nos reunimos, dela recebemos o carinho, o afeto e o afago, nos lembrando que temos uma história a zelar, que devemos sempre permanecer unidos e sermos um pelo outro e todos por um.

Contextualização

Os depoimentos 1 e 2 nos fazem indagar: que lugares são esses que deixarão de existir? Que lugares são esses que se tornarão esquecimento? A quem pertencerão essas memórias?

Todas estas perguntas são necessárias para compreendermos qual o futuro dos sujeitos quando não mais existirem esses lugares. Ora talvez tenham desaparecido e nenhum registro deles tenha sido feito, ora os próprios registros tenham se perdido com o tempo. As lembranças pertencem a todos, mas nem todos querem evocá-las, isso talvez porque muitas dessas memórias trazem consigo rupturas

nos modos de vida dessas pessoas. Muitas também trazem consigo lembranças agradáveis, lembranças de pessoas, momentos de alegrias e saudosismo. Pode-se dizer também do êxodo, evento que em algum tempo levou muitas dessas famílias a abandonar seus lugares em busca de melhores condições de vida. É por esse contexto que tratamos da importância de resgatar memórias a partir de um banco arquivístico tendo a fotografia como aliada dessa proposta.



FIGURA 3 – *Enxadas guardadas* – Fazenda Paiol – Virgem da Lapa - MG.

É importante lembrar que os diálogos trazidos neste capítulo estão inseridos no contexto de memórias hodiernas. É comum, seja qual for a época em que este material esteja sendo lido, haverá sempre alguém que assimile as imagens apresentadas ao seu contexto existencial. Seja no ambiente familiar, de trabalho, vivenciado por algum motivo e até mesmo por herança. As imagens neste capítulo se tornam arquivo de contextualização e construção de conhecimento em que a base se estrutura nas primorosas memórias a serem compartilhadas. Quais

histórias são resgatadas a partir desse olhar? O que as fotografias podem contar por si só?

Ao observar as enxadas penduradas, imagem (3), é possível analisar o contexto de elas estarem ali, e não jogadas fora, ou sido vendidas para outros e/ou terem sido levadas para a fundição. Essas imagens foram registros feitos na fazenda do Paiol, no município de Virgem da Lapa, no Vale do Jequitinhonha, pertencente ao Sr. Manoel Basílio falecido em outubro de 2022. Nessa casa de muitos cômodos, um grande curral, vários pés de ipês, também conhecido como barrigudas, me contou o Sr. Manoel Basílio (*in memoriam*), que guarda muitas ferramentas que pertenceram à história desse lugar. Jogar fora não adiantaria, pois as histórias precisam dos objetos para serem contadas. Mostrando a cristaleira com as porcelanas da época do casamento.



FIGURA 4 – *Cristaleira com porcelanas* – Fazenda Paiol – Virgem da Lapa- MG. Registro de Ernani Calazans.

Completo a sua esposa, Dona Neném, ao se referir ao filtro de barro que existe na casa, peça do ano de 1966, comprada no Povoado de Pasmado¹. Uma peça que faz parte da vida familiar desde o ano do casamento de Dona Neném.



FIGURA 5 – Filtro de barro – Fazenda Paiol – Virgem da Lapa-MG. Registro de Ernani Calazans.

¹ Para saber mais sobre o Povoado de Pasmado acesse: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/comunidades/pasmado-e-pasmadinho/>

Aleida Assmann (2011, p. 106), por meio de John Locke (em *Ensaio sobre o entendimento humano*), apresenta o sujeito da Era Moderna como um observador e afirma que o “homem que vira observador tem como objetos seu ambiente e a si mesmo”. Observar implica distância, descorporificação. A vantagem de cultivar essa prática é obter segurança cognitiva e controle racional.” Assim, torna-se primordial a preservação e partilha dessas memórias com o intuito de que não sejam esquecidas, destacando a importância de serem preservadas, pois, “se o tempo não tem importância, tampouco a recordação terá chance de ser tematizada”.



CAPÍTULO 2

Objetos e ambiências: memórias de pertencimento

*Alice Menezes Barbosa
Ernani Calazans de Oliveira
Iraelly Gomes Luiz
Lillian Gonçalves de Melo
Rayane Oliveira Silva*

A coleta das narrativas presentes neste capítulo ocorreu por meio de visita *in loco* à casa de pessoas que possuíam objetos antigos, tais como quadros, máquinas de costura, pilão, poltronas, talhas e filtros, ferros à brasa, porcelanas, utensílios e ferramentas de ofícios – dentre outros. Essa coleta foi realizada por bolsistas e pelo coordenador do projeto de pesquisa e extensão.

No decorrer de toda a pesquisa participaram vários sujeitos de diferentes lugares, portanto, os objetos cujas narrativas mostraram o valor material desses pertences em suas ambiências. Os sujeitos participantes possuem idades entre 40 e 80 anos. Os objetos agregam “valores” pessoais, trata-se de uma memória individual que, ao mesmo tempo, é coletiva, visto que os discursos provenientes desse ato de linguagem estão inscritos em um contexto histórico e social. Para Pêcheux (1990) apud Orlandi (2016), o discurso não será independente da memória e das vivências sociais que, no decorrer dos anos, sofrem rupturas que, ao mesmo tempo, realizam articulações, tessituras em redes de significações entre os sujeitos que interagem por meio da linguagem. O discurso, desse modo, é um efeito das filiações sociais e históricas.

Em consonância com os preceitos discursivos, o antropólogo Joël Candau (2019) discute que se reconhece a existência da sociedade quando se admite que os seres humanos não são indivíduos atomizados, criando suas identidades e perseguindo seus objetivos independentemente uns dos outros, porque se trata de indivíduos que possuem sua inscrição social e história atravessada por uma diversidade de vozes sociais que se fazem ouvir. O ato de pesquisar e registrar relatos sobre os objetos deixados, bem como fotografá-los, pauta-se no ideal de preservação das memórias e das representações identitárias, para que novas gerações tenham a oportunidade de identificar, no tempo e no espaço, quais personalidades, etnias e povos viveram na região do Vale do Jequitinhonha.

Nessa perspectiva, torna-se necessário saber quais ofícios eram desempenhados e como ocorriam as relações sociais nessa época. A cultura material existente no Vale do Jequitinhonha é um modo dos sujeitos preservarem sua história e identidade. Para Fogaça (2017,

p. 13), a “exuberante diversidade cultural do Vale do Jequitinhonha é resultado, principalmente, de toda região ter sido destino de quilombolas à época da exploração do ouro no século XVIII.” Ainda segundo o autor, “enquanto os habitantes mais velhos guardam a memória de sua história, os mais jovens lutam para que essas tradições não se percam com o passar do tempo.” Cabe ressaltar também as diversas etnias indígenas que habitaram e habitam a região, preservando as memórias de luta, resistência e diversidade cultural.

Nessas andanças dos pesquisadores deste estudo pôde-se perceber que a maioria dos objetos são cultivados por pessoas com mais de 50 anos, dentre esses objetos pode-se citar a máquina de costura que pertenceu à bisavó e é um objeto que, durante anos, serviu (e ainda serve) de sustento familiar. O pilão de madeira que gera temperos cuja produção industrial moderna não consegue se igualar, o ferro à brasa que retrata uma evolução dessa prática no decorrer dos anos, os quadros nas paredes, poltronas, xícaras e fogão à lenha. Pôde-se perceber que esses objetos carregam em si costumes e culturas de outros tempos que precisam ser conhecidos e preservados pela geração futura, visto que é uma forma de saber as vivências dos seus antepassados e a evolução e conquistas no decorrer dos anos. As narrativas orais vinculadas aos objetos justificam o motivo pelo qual eles carregam em si um valor simbólico, inserido na própria identidade do sujeito que conta a narrativa.

A cultura memorialística de um povo não se limita apenas a objetos como pertences, existem também os espaços de convivência e, entre esses espaços, podemos trazer para este diálogo – as portas. Que lugares são esses onde as pessoas se reuniam para prostrar? As portas são lugares de memórias, cujas ambiências se diversificam de acordo com a estrutura de cada lugar. Relembre, por exemplo, as grandes portas de madeira com almofadas que geralmente eram feitas para as igrejas no período colonial. Relembre também que existem portas de duas partes, muito comuns nas comunidades rurais, que abrigam apenas a parte superior para que animais não entrassem em casa. É possível perceber também que, por serem portas grandes e de madeira, havia uma fechadura específica e uma chave apenas, trazendo

a discussão de que essa chave ficasse em posse de apenas uma pessoa. São tempos diferentes dos atuais, mas que eram vividos de acordo com as normas e costumes da época.

Neste capítulo trazemos para os diálogos as portas como lugares existenciais e o resultado foi a confecção de cartões postais do registro das portas de algumas cidades do médio Vale do Jequitinhonha. Registrar as portas é arquivar identidades que um dia existiram nesses lugares de pertencimento. Lugares que estão por aí pelo Vale do Jequitinhonha, que pode vir a cair no anonimato. Consideramos nessas ambiências um poder dialógico e fenomenológico muito forte sobre a identidade regional e que, aos poucos, são cada vez mais menos percebidos. São lugares de pertencimento familiar que nos oferecem discussões importantíssimas sobre quem somos, quem foram e onde estiveram nossos antepassados.

Nas minhas andanças, me vejo inserido em vários e diversos cenários de moradia familiar que – muitas vezes – estão abandonados, ora por não terem mais pessoas para ocupá-los, ora pelo abandono involuntário mesmo, aquele abandono do tipo “vou embora pra a cidade grande, quando der certo, eu volto”. E estão aí, o tempo passa, as pessoas se vão e as casas ficam. Vejam exemplos desses lugares.



FIGURA 6 – Comunidade de Setúbal – Francisco Badaró – Vale do Jequitinhonha-MG.



FIGURA 7 – Comunidade de Água Limpa – Francisco Badaró – Vale do Jequitinhonha-MG.



FIGURA 8 – Comunidade de Quatis – Araçuaí – Vale do Jequitinhonha-MG.

A casa da figura (8) pertenceu à velha Bitu, onde morou a senhora Maria Emília e sua família. Tempos depois, morou também a senhora Maria Soares da Silva que teve 13 filhos, cada filho se casou, construiu a sua casa, levando-os a deixar a casa da avó como um lugar abandonado. A necessidade do abandono foi em função do casamento de cada filho, assim a casa ficou lá, está lá, ninguém mora, apenas um dos filhos que mora ao lado, indo esporadicamente olhar essa casa de muitos cômodos, amarração de madeira em cunha, erguida com adobes e taipa. Uma casa que serviu para muitas famílias e hoje serve de cenário para quem passa por ela na margem da estrada sentido à chapada do lagoão, na comunidade de Quatis no município de Araçuaí. Para Assmann (2011, p. 317), “grande é a força da memória que reside no interior dos locais”.

Nesse contexto, buscamos amparo na literatura para construir diálogos sobre esses lugares de pertencimento. Para isso, aprecie o poema “Apenas lembranças” do professor e autor Ernani Calazans, pertencente ao livro *Da taia ao filtro* de sua autoria, publicado em 2020.

Apenas lembranças

Vou falar de uma casa
Um lugar que todos têm.
É uma casa imaginária
Pertence a todos e a ninguém.
Imagina uma cancela
Coberta de cipó
São Caetano e trepadeira
Com flores e rococó,
Logo à frente na varanda
Uma cadeira e um fifó.
O fifó é o lampião
Usado por vovó.
Entre na casa e imagine
Na parede várias molduras,
A família que ali se vê

Não são retratos, são pinturas,
 Cada rostinho é de um filho.
 Será quem são essas figuras?
 Olhe pras camas no quarto ao lado
 Debaixo de uma, uma bacia,
 Da outra tem um penico,
 E dessa, uma comadre vazia.
 Instrumentos muito usados,
 Faça uma pausa, e avalia.
 No cabide a camisola
 E a anágua de titia.
 Uma xícara de porcelana.
 Uma taça de cristal.
 As peças que ali ficavam,
 Hoje vivem no quintal;
 Jogadas no galinheiro,
 Ou emborcadas num pé de pau.
 Imagine agora o forno
 Onde quitanda nele assou,
 Entupido de balaio,
 E ferramentas que o seu avô
 Usou muito nas lavouras,
 E nele amontoou (!)
 Essa memória nos vem à tona,
 O sentimento de ter perdido
 A vida simples que nos pertence,
 Tantos momentos ali vividos.
 Imagine agora esse cantinho,
 Do pensamento suprimido!
 São viagens que faço sempre,
 E com você, eu faço agora,
 Quando falo da nossa gente,
 Quando olho lá para fora,
 Ou tomando um café quente.
 Estou falando da nossa história.

Buscamos olhar para esses lugares com mais carinho e ciência, com mais afetividade e educação patrimonial, em que o ver não se limita apenas às construções de um Brasil colonial, ou as belas construções do início do século XX, mas também, olhar para as ambiências simples, porém, que evocam memórias, sentimentos, modos e jeitos dos sujeitos viverem naqueles lugares, onde os falares e os contos se tornam em tempos atuais narrativas de historicidade e principalmente identidades.

Com este propósito, olhamos também para as portas, elemento visual que é o convite para conhecer os lugares e suas diversidades. As portas têm muito a nos contar. As portas como lugares físicos onde pessoas se instalam, acomodam, pousam e ali constroem vidas e memórias. Outrossim, as portas como lugares afetivos onde o mesmo olhar que recebe e acolhe, também se vê ir embora, deixar e partir. São essas portas que algum dia se abriram e também se fecharam. Buscamos olhar e analisar as portas como lugares poéticos, lugares literários em que, por meio delas, é possível evocar narrativas e depoimentos das vidas que (por meio delas) em um momento existiram. Daí, então, buscamos provocações de sentimentos e narrativas como: quais foram as mãos que as fizeram? Quais as chaves que as fecharam? Quantos ficaram pelo lado de fora? E quem foram os sujeitos que, por causa da travessia das portas, pagaram altos preços na história?

Vejam uma série de portas registradas e editadas em formato de cartão-postal. As várias portas em suas formas, cores, traços de diferentes épocas e o que elas podem nos contar como portas das casas de algumas cidades do Vale do Jequitinhonha. Ficam os registros e a apreciação por meio das imagens, pois acreditamos que muitas portas, que foram fotografadas, não existam mais.



FIGURA 9 – Postal – Portas de Araçuaí – Produção de Ernani Calazans.



FIGURA 10 – Portas de Chapa do Norte – Vale do Jequitinhonha -MG.



FIGURA 11 – Portas de Itinga – Vale do Jequitinhonha -MG.



FIGURA 12 – Portas de Francisco Badaró – Vale do Jequitinhonha -MG.

Objetos de pertencimento

Narrativas e registros feitos pela bolsista Rayane Oliveira Silva na comunidade de Piauí, pertencente ao município de Araçuaí-MG

Depoimentos partilhados por Aderbal Luiz Oliveira – Pilão e mala; Assis Ramalho Silva – Chave; Eliene de Cássia Ramalho Silva – Ferro de passar.

A bolsista e estudante Rayane Oliveira buscou entrevistar, registrar e colher depoimentos na sua comunidade, o povoado do Piauí, zona rural do município de Araçuaí. Rayane se sentiu mais à vontade para conhecer um pouco mais sobre sua gente, suas origens e quais lembranças seus parentes podiam deixar para ela como herança cultural. Então, os sujeitos entrevistados foram pessoas comuns do seu meio de vivência. A partir dos objetos, a bolsista fez registros de malas, chaves, máquinas de costura, ferro à brasa e pilão de madeira. A mala será o primeiro objeto que vamos rememorar, observe a fotografia a seguir:



FIGURA 13 – mala de couro e madeira – Registro feito por Rayane Oliveira Silva.

Segundo Rayane Oliveira, o entrevistado, o Sr. A.L.O, relatou que antigamente nem todas as famílias tinham condições de ter guardas-roupas nem cômoda, as malas eram utilizadas para guardar as roupas

da família e enxovais. Além disso, também eram usadas como meio de transporte quando iam viajar e, como não tinha carros, viajava a cavalo, colocava as malas penduradas em “cangaias” sobre o burro. De tudo era carregado nessas malas, como mercadorias, compras, roupas, coisas para cozinhar, vasilhas e outros. Era um meio de transporte em cima do burro. Disse o Sr. A.L.O.: “Essas malas eram usadas no tempo do meu pai, hoje minha vivência com elas é mais de lembranças, pois hoje não usamos elas mais, são muito pesadas, mas, tipo, assim, naquele tempo toda viagem que tinha, fosse uma mudança a mala era usada, por exemplo, uma louça de valor botava elas na mala e procurava o melhor burro viageiro, animal bom de estrada para não balançar tanto e correr o risco de quebrar as vasilhas”.

É de costume nessas malas feitas de madeira e couro terem cravejadas as iniciais em letra maiúscula dos seus donos. E na família, geralmente, eram duas do marido e duas das suas mulheres. O próximo objeto de memória serão as chaves. Observe a fotografia a seguir:



FIGURA 14 – Chaves antigas – Registro feito por Rayane Oliveira Silva.

Rayane Oliveira entrevistou também o Sr. A.R.S. e, segundo ele, as chaves pertenciam ao que chamavam de Casa Grande, ou seja, a sede da fazenda onde meu avô e a família residiam. As chaves eram grandes, feitas de ferro, pesadas, e não se fazia cópias delas. As chaves que se

vê na imagem são menores, pertenciam ao que eles chamavam de quartos dos santos, era um quarto específico da residência de morada, onde ficavam os filhos de sexo masculino dos funcionários e tinha outros quartos fora da casa para hospedar algum visitante que chegava. Contou o entrevistado que, por ser uma casa antiga, algumas janelas ainda tinham grades, acreditando ele que essas janelas de grades seriam não só por segurança, mas também era o lugar que alojava filhos de pessoas escravizadas, eram grades de madeira e nesses quartos só tinha uma porta, eram quatro quartos conjugados e era uma porta enorme e essas chaves pertenciam àquela porta. Do lado de fora dessa Casa Grande havia um engenho onde se fazia todo processo de rapadura, começando pela moagem da cana até terminar o processo. Tinha também a “bulandeira” que, atualmente, se conhece por feccularia. Mas o mais interessante é o exagero que eles tinham em termos dessas residências, só vendo para crer.

Além das chaves, cabe ressaltar também a máquina de costura que foi, por muito tempo, uma ferramenta necessária para a família, além de um instrumento de liberdade financeira para a mulher dona de casa. Observe a fotografia a seguir:



FIGURA 15 – Máquina de costura – Registro feito por Rayane Oliveira Silva.

Rayane entrevistou também a Sra. E.C.R.S. que disse que ela começou a trabalhar com idade entre 12 e 15 anos, trabalhava em casa e depois ganhou de herança da sua mãe essa máquina que se vê na imagem. Contou a entrevistada que *essa máquina foi herança da sua avó, mãe da sua mãe. Com essa máquina disse que conseguia o pão de cada dia para mim e para meus filhos por um bom tempo, eu costurava pra minha casa, pra algumas pessoas e inclusive eu costurava pra três lojas, aí durante a semana eu costurava as minhas roupas, como não tinha transporte de carro e o transporte era a cavalo, eu colocava essas roupas numa caixa, colocava dentro de umas “buraca”, colocava numa carga e levava pra entregar aos donos das lojas. Com esse dinheirinho comprava as coisinhas que necessitava para casa, comprava uma roupinha nova para os meninos, meus filhos, comprava as sandálias e levava a vida, fui trabalhando desse jeito até que chegou o tempo deles trabalharem por eles mesmos, a gente foi mexendo até que venceu a batalha, foi difícil mais venceu.*

A importância da máquina para minha vida, foi que, com ela, que consegui colocar os meninos pra estudar, eu não tinha casa pra colocar eles, com esse dinheirinho que eu recebia costurando, eu pagava o aluguel pros menino ficar na cidade, porque morava na roça e eles estudavam na cidade, então tinha que vender essas coisas que fazia pra poder pagar o aluguel e as despesas deles, e também o consumo de casa, e assim foi levando até que, graças a Deus, todo mundo se formou. O próximo objeto será o pilão. Observe a fotografia:



FIGURA 16 – Pilão de madeira – Registro feito por Rayane Oliveira Silva.

O pilão que se vê na figura 16 era para limpar arroz, milho, para fazer fubá e até pó de urucum, disse o Sr. A.L.O. O povo antigamente não tinha máquina para limpar alguns grãos, então, o jeito era usar o pilão, instrumento manual com uso da força braçal. Tinha as mãos de pilão, um socava, o outro socava, tirava fubá, limpava arroz e assim ia. Não tinha arroz pra comprar e trazer pra casa, então o arroz era colhido aqui na comunidade, aí limpava o arroz no pilão e tirava a casca para poder consumir. O fubá era tirado socado no pilão e o milho pra fazer canjica, tipo assim, muitas coisas usava o pilão como um meio para alimentação na região, pois não existiam máquinas, era tudo feito manualmente e no pilão. O milho, que era usado pra tirar fubá, era usado também pra fazer a farinha de milho, tudo no pilão, botava o milho de molho e aí quando o milho amolecia era socado no pilão. Naquela época era um sofrimento, mas, ao mesmo tempo, era a alegria do povo a atividade de socar no pilão; o povo cantava, contava piada,

ria, falava da vida dos outros, e existia um desafio: uns querendo ser melhor de pilão que o outros, era socado a dois, um com a mão o outro com a outra batendo no pilão e aí ia revezando e desafiava pra ver qual era o melhor, então, era um sofrimento, mas um sofrimento divertido e o povo gostava de conviver com aquilo. Ao tratarmos de mudanças sociais nos modos de vida da sociedade, cabe lembrar também as memórias incitadas pelos ferros de passar roupa, quais memórias as fotografias a seguir rememoram:



FIGURA 17 – Ferro a brasa antigo – Registro feito por Rayane Oliveira Silva.



FIGURA 18 – Ferro a brasa de 1970 – Registro feito por Rayane Oliveira Silva.

O relato a seguir foi partilhado por E.C.R.S. referente ao ferro de passar roupa, *temos o modelo de ferro que é de mais ou menos de 1940, foi da minha bisavó, disse E.C.R.S. Era assim, tinha que colocar bastante lenha de aroeira no fogo pra fazer as brasas fortes e aí enchia ele de brasa, colocava ele na janela onde tinha ventilação, tinha um objeto que chamava “fole” que era pra poder ajudar a soprar e esquentar as brasas, atrás dele tem esse buraco onde colocava o fole e batia pra “revivar” as brasas e tirar as cinzas. O ferro tem um bico onde saía o ar quente, esse bico parece bico de uma chaleira. As brasas “revivava” e era preciso tirar as cinzas, porque, se deixasse, as cinzas apagavam as brasas. Tinha que manejar o ferro o tempo todo balançando de um lado pro outro pras brasas se manterem acesas. Aí quando o ferro estava quente, a gente ia e passava em cima das roupas, quando acabava de passar aquela peça voltava com ele pra janela pra tornar pegar o vento pra “revivar” as brasas.*

Depois veio a modernização, tipo, veio outro ferro mais moderno lá pelos anos de 1970, era um outro ferro com mais aberturas, essas aberturas onde o vento entrava e acendia as brasas e ele é bem mais leve que o outro, o cabo é de madeira, não esquentava tanto a mão porque esse outro mais antigo, quando esquentava muito, às vezes, tinha que colocar um pano na mão, se não ninguém aguentava pegar nele; esse mais antigo é bem mais pesado, o de 1970 é mais leve. São duas peças antigas que tenho que são dos tempos dos meus avós, esse outro de 1970 era da minha mãe, esse de 1940 eu nem cheguei a usar, via os mais velhos usando, esse de 1970 cheguei a usar ele, é o mesmo processo, só que esse mais novo não tem que ter tanto esse cuidado com as brasas, pois tem mais ventilação.

Em uma época que a luz elétrica ainda não era de acesso de grande parte da população, muitos foram os objetos construídos para funcionarem à base de brasa, querosene, pavio e fogo. Fosse os ferros de passar roupas, as candeias com óleo de mamona, o lampião ou a lamparina com o uso do querosene.

O objeto da imagem a seguir, figura (19), é uma lamparina de cor azul com bojo de vidro e uma alça, que poderia ser carregada por onde o seu dono fosse ou pendurada onde a quisessem. As lamparinas

remetem ao período que vai do século XVIII a meados do século XIX. Onde as cidades eram iluminadas à luz amarelada do fogo de querosene, rememorando um saudosismo das ruelas e becos das cidades barrocas. Dos arraiais e vilarejos.



FIGURA 19 – Lamparina – Registro de Ernani Calazans.

Evocando a musicalidade de serenatas e cantorias, trovas e cantigas, as lamparinas iluminavam os cenários boêmios em certo período da história dessa região. O objeto (figura 19) foi registrado na moradia do senhor Nilton Majela no município de Francisco Badaró-MG. Ainda está lá, mas sua utilidade hoje é de rememorar um passado que se foi, mas que, ao mesmo tempo, é buscado pela saudade.

É importante destacar que os objetos apresentados neste capítulo trazem consigo uma riqueza cultural pertencente a muitos sujeitos dessa região. Os relatos colhidos pela bolsista Rayane Oliveira são uma

fração exemplar de quantos muitos outros sujeitos, outras famílias e grupos sociais tiveram uma vida com base nesses objetos e suas feitura. São muitos os objetos espalhados por aí que merecem um estudo memorialístico que resgate as mais diversas histórias desse acervo cultural.

Os objetos de memória são os indícios de que há identidades deixadas em vários lugares. A perspectiva antropológica da memória, a qual definimos ser de pertencimento dessa região, está inserida no contexto de testemunho de que os sujeitos viveram e ainda vivem rodeados de objetos funcionais e utilitários, sem eles, muitas histórias ficariam no anonimato.



CAPÍTULO 3

Feituras Regionais

Ernani Calazans de Oliveira
Lillian Gonçalves de Melo
Joyce de Fátima Pereira da Silva
Carla Aparecida Ferreira Gomes

Para este capítulo se delimitaram os saberes das feitu-
ras por compreender que, embora haja a expansão da produção industrial, em algumas famílias é recorrente a continuidade de práticas manuais de produções caseiras. Assim, tratam-se de memórias que justificam o motivo pelo qual essas feitu-
ras carregam em si um valor simbólico inserido na própria identidade do sujeito que conta a narrativa. A escolha pela fotografia se deve pelo fato de que é um dos meios que torna possível conhecer estes registros que mostram retratos de mãos calejadas, a devoção de um povo e sua dedicação em manter vivas as tradições herdadas das gerações passadas.

Desse modo, considera-se importante se dedicar aos estudos que visam conhecer, registrar e discutir os saberes populares de sujeitos do Vale do Jequitinhonha. Para o desenvolvimento deste estudo se realizou uma pesquisa descritiva, os dados foram analisados sob o viés qualitativo, cujo objeto de investigação foram narrativas orais, inter-relacionando-as com a arte imagética dos registros fotográficos. O *corpus* de investigação foi coletado por meio de visitas *in loco*, o critério de escolha dos sujeitos participantes se deu a partir do conhecimento de que essas pessoas faziam práticas de feitu-
ras há anos na comunidade. As coletas dos dados foram realizadas no ano de 2020 pelas bolsistas Carla Aparecida Ferreira Gomes e Joyce de Fátima Pereira.

Para este estudo há uma amostra de cinco narrativas. O critério de inclusão dessas cinco narrativas se deu em virtude da repetição de algumas feitu-
ras. Os saberes de um povo são ensinados de geração para geração, ou seja, dos mais velhos aos mais novos. Esses ensinamentos, neste trabalho, delimitamos para as feitu-
ras que perduram durante anos em determinadas famílias e/ou comunidades.

As feitu-
ras são assim chamadas pelos sujeitos dessa região, o Vale do Jequitinhonha, geograficamente localizado no nordeste mineiro, por serem afazeres concebidos como meio de sobrevivência que, de algum modo, são artesanalmente feitos. Para Xavier e Flôr (2015, p. 309), os saberes populares são compreendidos como “conjunto de conhecimentos elaborados por pequenos grupos (famílias, comunidades), fundamentados em experiências ou em

crenças e superstições, e transmitidos de um indivíduo para outro, principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos”.

No fazer desses sujeitos ressoam os ensinamentos de seus ancestrais, os conhecimentos adquiridos no cotidiano das vivências com seus familiares e com pessoas pertencentes à comunidade da qual fazem parte. Inspirados pelos gestos, produções e habilidades dos mais velhos – como pais e avós – os sujeitos da pesquisa guardam e repassam as tradições da família e do seu grupo social. Desse modo, de acordo com Nascimento e Abib (2020, p. 179), “o aprendizado se constrói a partir da convivência, por meio da tradição, ancestralidade, ritual, memória coletiva, solidariedade e num respeito à sabedoria do mais velho”.

3.1 - Fragmentos registrados pela bolsista Carla Aparecida Ferreira Gomes

Doce de feijão

Relatos partilhados por Nazinha e Gracieta Barbosa Gomes



FIGURA 20 – Batendo o feijão com leite – Registro de Carla Aparecida.



FIGURA 21 – A mistura sendo coada – Registro de Carla Aparecida.

Eu aprendi a fazer doce de feijão com minha mãe, aí eu fiz e pensei que eu não ia gostar, mas ficou um doce de feijão muito bom. É uma tradição de família, minha mãe aprendeu com minha avó e eu aprendi com minha mãe. Já tem mais de 10 anos que eu faço doce de feijão, aí eu aprendi a fazer e gostei. Eu já ensinei minha sobrinha, ensinei a finada “Preta”, minha cunhada e ensinei umas meninas lá em Belo Horizonte e agora estou ensinando você, Carla. Só não ensinei meus filhos porque a Valdênia é diabética e o outro menino também não gosta, aí eu não ensinei nenhum deles não. Eu acho que muita gente vai aprender a fazer doce de feijão, acho também que vão querer fazer porque é muito gostoso. Lembro-me de que você também gostou né, Carla? Lembro-me de que você comeu o primeiro que eu fiz e gostou. Todo mundo que eu dou desse doce, acha gostoso. Tem gente que fala que nem parece doce de feijão.

– Como é o processo para fazer o doce de feijão?

– O doce de feijão é assim: você primeiro coloca tipo um quilo de feijão para cozinhar, depois que cozinha deixa esfriar um pouco e bate no liquidificador com um litro de leite. Depois de batido, coa essa mistura para tirar as cascas do feijão, tipo assim, para não ficar uma textura desagradável. Depois eu coloco a mistura coada numa panela grande e vou adicionando o açúcar e uma pitadinha de sal e vai mexendo até dar o ponto igual esse que você vê.

Uma coisa interessante é que eu nunca vendi esse doce. Ou eu doo ou eu coloco em leilões. Mas nunca vendi não.

Pó de urucum



FIGURA 22 – Semente de urucum sendo torrada.



FIGURA 23 – Pilão de madeira.

Essa feitura é muito comum aqui no Vale do Jequitinhonha, muitos a conhecem como “coloral”. Esta entrevista se deu no município de Jenipapo de Minas com a Sra. Nazinha Ferreira de Souza.

Faz muitos anos que Sra. Nazinha tira o pó do urucum. Contou que, depois de crescida, ela aprendeu a trabalhar e tirar o pó de urucum no pilão, limpo arroz e soco café. O pilão é um utensílio muito usado aqui em nossa comunidade. Serve para fazer muita coisa. É uma tradição antiga entre os mais velhos de minha família.

– Como é o passo a passo para tirar o pó do urucum?

Primeiro a gente coloca a panela no fogo, quando a panela estiver bem quente, a gente coloca o óleo, deixa o óleo esquentar e quando o óleo estiver bem quente, a gente coloca as sementes do urucum, aí a gente vai mexendo e ele vai esquentando, quando ele estiver quente, a gente coloca no pilão, adiciona fubá aos poucos, aí a gente vai socando com a mão do pilão que é feita de madeira. Aos poucos vai soltando a cor vermelha no fubá, depois esse pó é peneirado e vira o pó de corante.

– Para que você usa o pó de urucum?

O pó do urucum é usado como tempero, serve para colocar na carne, pode ser usado na sopa de macarrão, em algumas verduras e se você quiser em outras iguarias. As fotografias a seguir complementam a produção do urucum.



FIGURA 24 – Feitura de coloram com semente de urucum – Registro de Joice de Fátima Pereira.

Biscoito de goma assado



FIGURA 25 – Feitura de biscoito de goma – Registro feito pela bolsista Joice de Fátima Pereira.

O biscoito de goma é uma iguaria muito comum na região do Vale do Jequitinhonha. Também conhecida como quitanda. As quitandas são feitura assadas em fornos a lenha. Os fornos são feitos de tijolos,

rebocados com barro e pintados com argila, seu formato é arredondado contendo uma entrada em formato quadrado por onde são colocadas as latas e uma saída também em formato quadrado por onde são retiradas as brasas e as cinzas.

A feitura do biscoito de goma é uma tradição secular nas comunidades rurais, principalmente em festas populares, encontros de grupos tradicionais, para o próprio consumo, para serem colocados em leilões e até em rezas e velórios, quando servem o chá para as visitas. Não deixando de ser também uma iguaria encontrada em padarias, feiras e lojinhas de alimentos regionais. São vários os sabores, há biscoitos temperados com pimenta, com cebola, biscoitos de sal e os biscoitos chamados de “voador” por serem adocicados.

O relato a seguir foi compartilhado pela Sra. Gracieta Barbosa Gomes, moradora da cidade de Jenipapo de Minas-MG.

A Sra. Gracieta aprendeu a fazer biscoito de goma com sua cunhada “Nadinha” há mais de três anos. Conta Gracieta que no início achou difícil, mas depois foi aprendendo e achando cada vez mais fácil de fazer, pois a vida inteira só observava quem fazia.

– Como é que se faz o biscoito de goma?

Para 1 quilo de goma a gente coloca um prato bem cheio de óleo, tipo um prato fundo e depois coloca um prato de água e uma colher rasa de sal, isso tudo em uma vasilha grande. Depois escalda a goma. Escaldar a goma é jogar água quente sobre ela e mexer até ficar uns carocinhos puxando. Depois deixa esfriar e depois vai amassando, colocando os ovos. Vai amassando, amassando até a massa ficar no ponto mole, aí depois quando ela ficar no ponto mole, você coloca no escrevedor. O escrevedor que chamamos é um saco afunilado com um furo na ponta, tem quem usar saco de tecido também. Coloca a massa desse saco e começa a escrever os biscoitos nas latas, depois leva as latas para o forno que já está aquecido, para assar.

Conta Gracieta que as pessoas mais antigas na sua família, que faziam biscoito de goma, eram suas tias. Porém ela não aprendeu com as tias, porque nesse tempo ela ainda era criança e não aprendeu

porque para amassar a mistura precisa de muita força e cansa demais o braço. Ainda relata que suas tias morreram muito novas.



FIGURA 26 – Escrevendo biscoito – Registro feito por Ernani Calazans.



FIGURA 27 – Biscoito de goma feito em forno a lenha – Registro feito por Ernani Calazans.



FIGURA 28 – Forno a lenha – Comunidade de Água limpa de trás – Francisco Badaró-MG.

Identificou-se, ao final dos estudos e dos registros, que são saberes peculiares ensinados entre os familiares e que as feituas são produzidas como práticas que fazem parte da própria cultura desse povo, de uma maneira artesanal, que é pertencente aos sujeitos dessa região. As narrativas demonstraram saberes inscritos em determinados contextos sociais e históricos, em que é possível perceber a inter-relação entre passado e presente.



CAPÍTULO 4

Jequibay: Olhares macros e micros e os saberes indígenas Pankararu Pataxó

*Cleonice Maria Silva
Elisabeth Gomes Uchôas
Ernani Calazans de Oliveira
Gabriel Ferreira Vieira
Geralda Chaves Soares
Larissa Duarte Araújo Pereira
Lillian Gonçalves de Melo
Nehewane Pankararu Braz
Raiana Silva Soares
Samara Arcanjo e Silva
Tatiana da Costa Senna
Witaty Braz da Silva*

Introdução

Neste capítulo serão apresentadas práticas desenvolvidas durante o projeto Jequibay em desenvolvimento no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Araçuaí (IFNMG, Araçuaí), desde 2018. Este projeto surgiu a partir da necessidade identificada de promoção de saberes sobre os povos originários nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a partir daí, todos os anos são adotadas temáticas e etnias para ênfase no desenvolvimento de pesquisas e ações que dialogam também com a extensão e o ensino.

O projeto Jequibay possuiu fomento pelos editais da PROPPI – IFNMG e bolsas para estudantes de iniciação científica pelo CNPQ, além de bolsas pelo programa PIBEX (Extensão) do IFNMG, Araçuaí. O projeto Jequibay possui parceria com o povo Pankararu Pataxó do território da Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, a pesquisadora indigenista Geralda Soares e a participação de estudantes e professores do IFNMG e de outras instituições de ensino e pesquisa que se dedicam à promoção de saberes e à valorização dos povos indígenas.

Cabe ressaltar também que o Jequibay é um projeto que motivou também a existência de um grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ, que realiza reuniões mensais com o intuito de promover pesquisas, rodas de conversas com pesquisadores e pessoas interessadas nessa temática, o grupo possui a participação também de representantes de etnias indígenas, dentre elas o povo Pankararu Pataxó. Além disso, realiza ações de organização, catalogação e digitalização do acervo da pesquisadora Geralda Soares com o intuito de preservação desses saberes disponibilizados para toda a população.

Note-se que, ao longo do texto, há ênfase às ações desenvolvidas nos anos de 2021 e 2022, cujo foco foram as plantas para fins medicinais cultivadas pelo povo Pankararu Pataxó na Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, com o intuito de conhecer essas plantas a partir do viés da etnobotânica, isto é, da relação ecológica entre grupos humanos e a flora (CARNIELLO, 2007). Para isso, realizaram-se práticas nos laboratórios de Biologia e Química do IFNMG, Araçuaí, para

construção de laminários e exsicatas que serão materiais de promoção desses saberes em práticas futuras de ensino, pesquisa e extensão.

Também foram realizados momentos de conversa com esse povo originário para conhecer sua memória cultural, por meio das narrativas acerca do uso de plantas medicinais, contribuindo para a ampliação de conhecimentos etnobotânicos, o que propicia a valorização e preservação da flora nativa.

Preservação dos saberes dos povos originários

O Projeto Jequibay concebe a memória como um fenômeno construído social e individualmente, que possui estreita ligação fenomenológica com a identidade, submetida a flutuações, transformações e mudanças constantes, mas sempre com marcos invariáveis e imutáveis com vista a preservar o legado histórico e cultural. A memória é uma parte herdada a partir de uma construção de linguagem coletiva nos espaços sociais. Com os povos indígenas representa sua luta contra a aculturação imposta pelo não indígena (POLLACK, 1992).

As memórias incitadas por meio de narrativas orais contribuem para que haja “um rastro” para se chegar à tradição, pois as narrativas são a escritura da experiência, estabelecendo uma ‘ponte’ da memória como legado do esquecido (BORGES, 2017). Dessa forma, esse espaço de construção de saberes na casa da saúde possibilita ao povo indígena estabelecer uma maneira de resistência e preservação da cultura do seu povo. Outrossim, trata-se também de um modo de expor para o povo não indígena os benefícios desses saberes por meio do uso das plantas medicinais, de modo a promover uma saúde conectada com a mãe natureza, com o bem-estar do corpo e da alma. A seguir, apresentamos algumas memórias dos povos indígenas preservadas no acervo pessoal de Geralda Soares e partilhadas durante o projeto Jequibay:



FIGURA 29 – Painel “A resistência dos povos originários no Vale do Jequitinhonha”
Acrílica sobre tecido – Pintura e Arte: Ernani Calazans.



FIGURA 30 – Povo Pankararu Pataxó da Aldeia Cinta Vermelha Jundiba.
Foto: Ernani Calazans.



FIGURA 31 – Visita técnica à Aldeia Cinta Vermelha Jundiba – Atividade do projeto Jequibay (à esquerda) – Indígenas Nehewane Pankararu, Witaty Pankararu e as professoras: Samara Arcanjo e Larissa Pereira.
Foto: Ernani Calazans.



FIGURA 32 – Visita técnica à Aldeia Cinta Vermelha Jundiba – Atividade do projeto Jequibay.
Foto: Ernani Calazans.



FIGURA 33 – Vaso de cerâmica – Aldeia Cinta Vermelha Jundiba.
Foto: Ernani Calazans.



FIGURA 34 – (à direita) – Geralda Soares explicando sobre a Casa da Saúde do Povo Pankararu Pataxó aos estudantes do IFNMG – Araçuaí durante uma visita técnica.

As fotografias (figuras 29 a 33) mostram memórias que incitam resistência, território, cultura e saberes pertencentes aos povos indígenas. Na fotografia 29 percebe-se um cenário que incita o período de aculturação e genocídio que, infelizmente, abarca a história dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, porém, também é possível perceber a resistência, luta dos povos originários e a riqueza de conhecimentos e culturas que esses povos têm a ensinar aos não indígenas, mostrando a necessidade de preservação e respeito as etnias indígenas existentes.

O uso de plantas para fins medicinais

É fato que os povos originários detêm vasto e importante conhecimento a respeito do uso de plantas com finalidade terapêutica. O primeiro registro acerca do uso de plantas medicinais no Brasil foi realizado no ano de 1587, por Gabriel Soares de Souza em seu Tratado Descritivo do Brasil, que expõe os produtos curativos usados pelos indígenas (CARRARA JR. e MEIRELLES, 1996). Aliado a esse uso, há também a preservação das fontes vegetais e, conseqüentemente, da biodiversidade (COSTA, 2013).

Tradicionalmente, os povos originários transmitem de geração a geração o conhecimento empírico a respeito do uso terapêutico da flora. Os membros mais velhos da comunidade geralmente ensinam aos mais jovens as práticas medicinais aprendidas ao longo de sua trajetória e, em muitos casos, essas consistem no único recurso medicinal a terem acesso (AMOROZO, 1996).

Apesar das ameaças à preservação dos conhecimentos tradicionais desses povos, ocasionadas pela aculturação, a degradação ambiental e os avanços da indústria farmacêutica (LORENZI e MATOS, 2002; PIRES *et al.*, 2009), o distanciamento geográfico entre a região do Jequitinhonha e os grandes centros de produção e/ou formação torna propícia a ‘continuidade/manutenção’ de tradições orais e a ‘permanência’ de interações face a face.

Com os povos indígenas essa proximidade se faz presente, visto que o território é formado a partir das famílias pertencentes àquele povo, fazendo com que seus saberes, ensinamentos, comunicados, demandas e necessidades sejam pactuados de modo oral. Trata-se de um dos vínculos mais fortes de conexão entre esses povos e suas entidades, em que os ensinamentos são promovidos, em sua maioria, oralmente por meio de rituais, cantos ou outras práticas, principalmente pelos mais velhos. Tais relações geracionais estabelecidas pelos povos originários constituem elementos catalisadores, que propiciam a manutenção de práticas discursivas.

Nesse sentido, as entrevistas com o povo Pankararu Pataxó do território da Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, em Araçuaí/ MG, demonstraram a permanência do uso de grande variedade de plantas medicinais. Foram catalogadas 53 espécies de vegetais empregadas com finalidade terapêutica pelos moradores do território da aldeia Cinta Vermelha Jundiba (Tabela 1).

Na cultura do povo Pankararu Pataxó são reconhecidas as aplicações dos vegetais por meio da produção de chás, xaropes, banhos, inalações, compressas, benzimentos, introdução alimentar etc. No que diz respeito ao cultivo das plantas medicinais indicadas pelo povo, as famílias realizam os plantios individualmente, no entanto, estes são de uso coletivo. Quando há necessidade de expansão do plantio, ou

quando uma família não possui exemplar de determinada espécie, é comum a troca e a doação de mudas, o que viabiliza o acesso de todos. Assim, tanto as espécies medicinais quanto a flora de modo geral (incluindo espécies ornamentais, alimentícias e de importância cultural) são conservadas e preservadas na comunidade. Logo, a preservação da cultura vai ao encontro da preservação da flora (PANKARARU *et al.*, 2022).

TABELA 1 – Plantas medicinais utilizadas no tratamento de enfermidades pelo povo Pankararu Pataxó da Aldeia Cinta Vermelha Jundiba em Araçuaí-MG

NOME POPULAR E CIENTÍFICO	FAMÍLIA BOTÂNICA	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE UTILIZADA	MODO DE PREPARO E USO
Abacate - <i>Persea americana</i>	Lauraceae	Reumatismo, depurativo do sangue, indutor natural de parto	Folhas e semente	Infusão - oral; tônico - banho
Alecrim - <i>Rosmarinus officinalis</i>	Lamiaceae	Ansiedade e insônia	Folhas	Infusão - oral
Amora - <i>Morus alba</i>	Moraceae	Colesterol alto, menopausa e emagrecimento	Folhas e frutos	Infusão / vinho - oral
Andu - <i>Cajanus cajan</i>	Fabaceae	Lavagem de feridas, infecções cutâneas, gripes e resfriados, depurativo do sangue	Folhas, flores, raízes e sementes	Infusão / decocção / xarope - ora
Angico - <i>Anadenanthera colubrina</i>	Fabaceae	Asma e expectorante	Casca e sementes	Xarope / vinho - oral
Batata doce - <i>Ipomoea batatas</i>	Convolvulaceae	Anemia e diabetes	Folhas e raízes	Sopa / assada / infusão - oral
Boldo - <i>Plectranthus barbatus</i>	Lamiaceae	Má digestão	Folhas	Infusão / sumo - oral

NOME POPULAR E CIENTÍFICO	FAMÍLIA BOTÂNICA	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE UTILIZADA	MODO DE PREPARO E USO
Cajá - <i>Spondias mombin</i>	Anacardiaceae	Diabetes e hipertensão	Folhas e frutos	Infusão / fruto <i>in natura</i> - oral
Cana caiana - <i>Saccharum officinarum</i>	Poaceae	Hipertensão e problemas urinários	Folhas mais velhas	Infusão - oral
Canela - <i>Cinnamomum verum</i>	Lauraceae	Diabetes, emagrecimento, colesterol alto	Caule	Infusão - oral
Capim-santo - <i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	Má digestão, hipertensão, anti-inflamatório, analgésico, anticancerígeno	Folhas	Infusão - oral; Cataplasma - tônico
Cordão-de-frade - <i>Leonotis nepetifolia</i>	Lamiaceae	Bronquite crônica, tosse, asma brônquica, reumatismo, inflamação urinária, dispepsia e astenia, má digestão e antidiarreico e eliminação de cálculos renais	Folhas, inflorescências, raízes e caules	Infusão / cápsulas - oral
Goiaba - <i>Psidium guajava</i>	Myrtaceae	Diarreias, inflamações da boca e da garganta, em lavagem de úlceras e na leucorreia	Folhas, caules e frutos	Infusão / xarope / óleo - oral
Guaco - <i>Mikania glomerata</i>	Asteraceae	Reumatismo, depurativo do sangue, febre, asma, doenças respiratórias, inflamações na garganta, eczema pruriginoso, antifébril	Folhas	Infusão / decocção / xarope / tintura / suco - oral; cataplasma - tônico
Hortelã - <i>Mentha spicata</i>	Lamiaceae	Gripe, antibacteriana, anti-inflamatória e descongestionante	Folhas	Infusão - oral
Jatobá - <i>Hymenaea courbaril</i>	Fabaceae	Infeção na garganta e aumento da imunidade	Casca	Decocção / vinho - oral

NOME POPULAR E CIENTÍFICO	FAMÍLIA BOTÂNICA	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE UTILIZADA	MODO DE PREPARO E USO
Jenipapo - <i>Genipa americana</i>	Rubiaceae	Diabetes	Folhas e frutos	Infusão / fruto <i>in natura</i> - oral
Mamão - <i>Carica papaya</i>	Caricaceae	Vermínose, colesterol alto	Folhas, flores e sementes	Infusão / semente <i>in natura</i> - oral
Mamona - <i>Ricinus communis</i>	Euphorbiaceae	Vermínose, dor de cabeça, doenças na pele cicatrização de feridas	Folhas e sementes	Infusão - oral; decocção - banho; óleo - tópico
Manga - <i>Mangifera indica</i>	Anacardiaceae	Gripe e asma, calmante no momento do parto	Folhas	Xarope - oral; decocção - banho
Maracujá do mato - <i>Passiflora cincinnata</i>	Passifloraceae	Calmante	Frutos	Suco - oral
Maria preta - <i>Solanum americanum</i>	Solanaceae	Abscesso, hematomas, cálculos renais	Folhas e sementes	Cataplasma - tópico; Decocção - oral
Mastruz - <i>Chenopodium ambrosioides</i>	Amaranthaceae	Expectorante, vermífugo, aumento da imunidade, fraturas	Folhas, caules, raízes e sementes	Macerado / infusão - oral; cataplasma - tópico
Erva-cidreira - <i>Lippia alba</i>	Verbenaceae	Antiespasmódico, gases, insônia, digestivo, calmante, ansiolítico, sedativo, antidepressivo suave, anticonvulsivante suave, carminativo, relaxante, hipertensão e asma	Folhas	Infusão - oral
Mentrasito - <i>Ageratum conyzoides</i>	Asteraceae	Doenças no útero, puerpério	Folhas e raízes	Infusão / sumo - oral; decocção - banho

NOME POPULAR E CIENTÍFICO	FAMÍLIA BOTÂNICA	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE UTILIZADA	MODO DE PREPARO E USO
Mertiolate - <i>Jatropha multifida</i>	Euphorbiaceae	Ferida infectada, úlcera, infecção cutânea, sarna, indigestão, cólica, orquite, edema, disenteria	Folhas, raízes e látex	Cataplasma - tópico
Moringa - <i>Moringa oleifera</i>	Moringaceae	Anemia	Folhas e sementes	Pó - oral
Noni - <i>Morinda citrifolia</i>	Rubiaceae	Aumento da imunidade	Fruto	Suco - oral
Pariri - <i>Arrabidaea chica</i>	Bignoniaceae	Anemia e aumento da imunidade	Folhas	Decocção - oral
Pau-Brasil - <i>Paubrasilia echinata</i>	Fabaceae	Aumento da imunidade	Casca	Decocção / vinho - oral
Pau-ferro - <i>Libidibia ferrea</i>	Fabaceae	Diabetes, reumatismo, hemorroida, tosse, gota, bronquite, úlcera gástrica, disenteria, cicatrização de feridas	Folhas e casca	Decocção / infusão / xarope - oral
Perpétua - <i>Gomphrena globosa</i>	Amaranthaceae	Diarreia e dores no estômago	Folhas	Infusão - oral
Pimenta malagueta - <i>Capsicum frutescens</i>	Solanaceae	Abcessos e labirintite	Folhas	Infusão - oral; cataplasma - tópico
Pinha - <i>Annona squamosa</i>	Annonaceae	Antiofídico	Folhas	Sumo - oral
Pitanga - <i>Eugenia uniflora</i>	Myrtaceae	Diabetes, gripe, emagrecimento	Folhas	Infusão - oral
Romã - <i>Punica granatum</i>	Lythraceae	Inflamação de garganta, diarreia, vermífugo	Folhas e frutos	Infusão / decocção - oral

NOME POPULAR E CIENTÍFICO	FAMÍLIA BOTÂNICA	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE UTILIZADA	MODO DE PREPARO E USO
Melão de São Caetano - <i>Momordica charantia</i>	Cucurbitaceae	Diabetes, doenças na pele, vermífugo	Folhas e sementes	Sumo - oral / sementes <i>in natura</i> – ora
Umburana de cheiro - <i>Amburana cearensis</i>	Fabaceae	Dores de cabeça, dores nas pernas, benzimento	Casca e sementes	Decocção - banho; torra – inalação
Vassourinha - <i>Sida rhombifolia</i>	Malvaceae	Cálculo renal	Folhas e raízes	Decocção - oral

Fonte: Dados dos autores, 2022.

Olhares macro e micro: pesquisa e extensão

Ao longo do projeto Jequibay, atividades vinculadas às ciências biológicas foram desenvolvidas com o objetivo de possibilitar que os saberes populares sobre as plantas medicinais fossem aproximados e associados aos conhecimentos científicos e acadêmicos e vice-versa. Neste contexto, cinco bolsistas puderam atuar ao longo dos anos de 2021 a 2023 de maneira remunerada e voluntária em atividades de extensão e iniciação científica deste projeto.

Dentre as atividades desenvolvidas ao longo do projeto, neste tópico dar-se-á foco àquelas que permitiram olhares macros e micro no que diz respeito às plantas medicinais utilizadas pelo povo Pankararu Pataxó.

O macro

O olhar macro propôs a percepção de aspectos botânicos visíveis a olho nu. Características morfológicas que permitem, por exemplo, a identificação das estruturas vegetais estudadas ao longo do segundo ano do ensino médio (2021, ano em que os bolsistas estavam regularmente

matriculados em cursos técnicos) e também em disciplinas correlatas à botânica (disciplina ofertada no primeiro período do curso superior em Engenharia Agrícola e Ambiental, em andamento pelas bolsistas de nível superior).

Para além das observações morfológicas, a partir dos conhecimentos proporcionados foi possível realizar verificação taxonômica básica dos vegetais, o que culminou na correlação entre nomenclatura popular e nomenclatura científica.

No que tange à nomenclatura popular, sabe-se que ela é reconhecida entre grupos, populações, regiões, comunidades e povos de maneira distinta. Logo, a nomina utilizada em um local pode diferir daquela utilizada em outro. Desta forma, justifica-se a importância do reconhecimento de estruturas e do conhecimento taxonômico, visto que a nomenclatura científica é utilizada universalmente. Uma vez reconhecidos e identificados os vegetais, há a possibilidade de unir o popular ao científico na difusão das informações.

Isto posto, a produção de exsiccatas a partir da desidratação vegetal foi realizada pelos discentes com identificação taxonômica por meio de fichamento. Para obtenção destes produtos foram necessárias etapas de: (a) coleta dos vegetais; (b) prensagem dos vegetais; (c) secagem dos vegetais com auxílio de estufa; (d) preparo e impressão das fichas taxonômicas; e (e) montagem das exsiccatas.

A etapa (a) ocorreu na aldeia Cinta Vermelha Jundiba pertencente ao Povo Pankararu Pataxó, no município de Araçuaí, já as etapas (b) e (c) ocorreram no laboratório de ensino de química do IFNMG, Araçuaí e as etapas (d) e (e) ocorreram no laboratório de ensino de biologia do IFNMG, Araçuaí. A exemplo, a foto abaixo apresenta folhagens do vegetal conhecido popularmente como cajueiro (ou, simplesmente, caju) em exsicata preparada ao longo do projeto. O caju é um vegetal pertencente à família botânica *Anacardiaceae* e este exemplar foi coletado por uma das integrantes do projeto Jequibay.

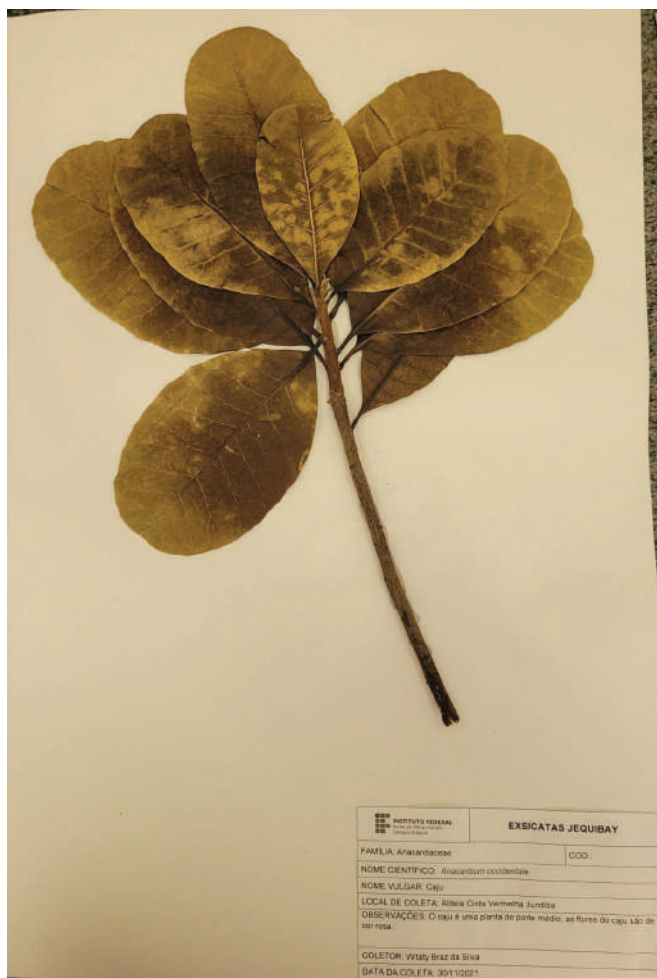


FIGURA 35 – Exsicata do caju.

Foto: Larissa Pereira (2022).

Outro exemplar coletado e montado em exsicata foi o vegetal conhecido como laranjeira ou, simplesmente, laranja. A foto abaixo apresenta o produto realizado pelo projeto, com a folhagem coletada, este é um vegetal pertencente à família botânica *Rutaceae*.

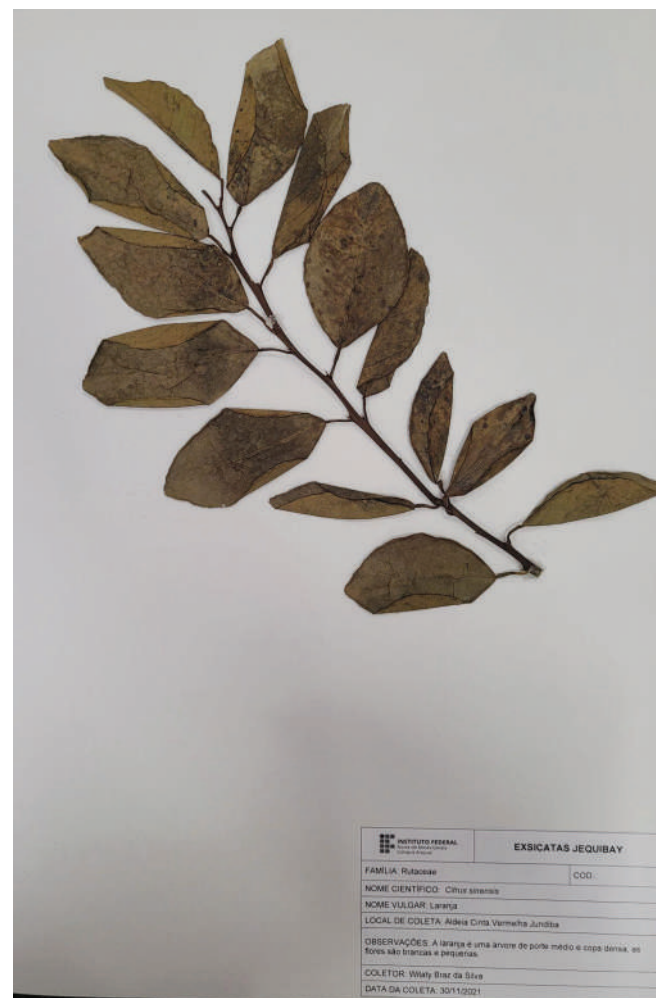


FIGURA 36 – Exsicata da laranja.

Foto: Larissa Pereira (2022).

Existe grande vantagem em manter um acervo desta natureza em um laboratório de ensino de biologia (como o que recebeu o projeto e hoje mantém as exsicatas produzidas, no IFNMG, Araçuaí). As exsicatas produzidas compõem um acervo que pode ser utilizado em

aulas de disciplinas de ciências, biologia, correlatas à botânica em todos os níveis de ensino. E podem, também, serem utilizadas em atividades de pesquisa e extensão. Este é um material rico, visto que apresenta informações importantes sobre os vegetais e serve para abordagens científicas, mas, também populares na apresentação dos espécimes.

Cabe ressaltar, entretanto, que por ser um material biológico, ele está sujeito a sofrer ações de decompositores (como bactérias e fungos), pequenos invertebrados (que porventura se alimentem de vegetais), ou até mesmo por ação da umidade do ar e/ou manuseio ao longo do tempo. Portanto, sabe-se que este é um material com durabilidade desconhecida e a documentação fotográfica pode ser aliada na manutenção das memórias, registros e facilitação de acesso às informações encontradas.

O micro

O olhar micro foi essencial ao longo da orientação de iniciação científica dos discentes envolvidos no projeto no que envolve citologia e histologia vegetal das plantas medicinais.

O objetivo das etapas descritas neste tópico foi de elaboração de laminário microscópico a partir de folhas das plantas medicinais. Para tal, foram necessários: (a) coleta de folhas das plantas medicinais; (b) fixação das folhas; (c) realização de cortes histológicos; (d) coloração das secções histológicas; (e) preparo de meio de montagem para lâminas histológicas; e (f) confecção das lâminas histológicas.

As etapas (a) e (b) ocorreram no território da aldeia Cinta Vermelha Jundiba pertencente ao Povo Pankararu Pataxó, no município de Araçuaí, as etapas (c) a (f) ocorreram no laboratório de ensino de biologia do IFNMG, Araçuaí.

Note, na foto abaixo, as folhas do vegetal conhecido popularmente como alecrim após coleta e fixação, etapas (a) e (b).



FIGURA 37 – Fixação de folhas do alecrim.

Foto: Larissa Pereira (2021).

Os cortes histológicos foram feitos à mão livre e com o auxílio de isopor e lâmina de barbear, nos planos transversal (CT) e paradérmicos superior (CPS) e inferior (CPI). As secções foram armazenadas em eppendorf contendo álcool etílico 70% (conforme demonstra o registro fotográfico abaixo), até sua coloração e montagem entre lâmina e lamínula.



FIGURA 38 – Discente Raiana Soares realizando corte histológico.
Foto: Larissa Pereira (2021).

Após a confecção das lâminas histológicas, foi realizada a documentação fotográfica do material vegetal com o auxílio microscópio óptico com câmera acoplada e microcomputador com programa de captura de imagens (*VideoView*), etapa documentada na figura abaixo.



FIGURA 39 – Docente Larissa Pereira realizando estudo e captura de imagens das lâminas preparadas.
Foto: Sérgio Félix, 2023.

Não é possível observar as cores das lâminas em computador por limitação do equipamento utilizado, entretanto isso não impede a observação dos tecidos vegetais e da diferenciação de células vegetais por este método. Já a observação diretamente em microscópio óptico permite visualização com maior amplitude do campo de visão, mantendo as cores obtidas no processo de coloração tecidual proposto.

Uma vez que a histologia vegetal é fundamental em disciplinas e projetos que envolvam botânica, o material produzido pode servir a diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Abaixo é possível observar imagens obtidas dos cortes transversais dos vegetais conhecidos popularmente por goiaba e caju, respectivamente.

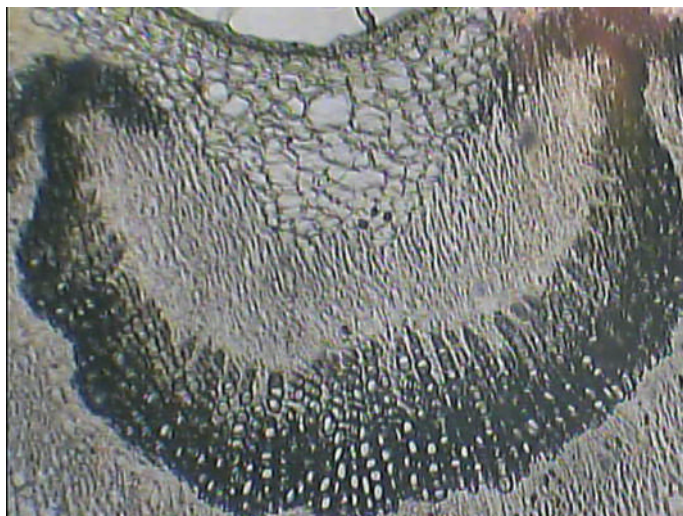


FIGURA 40 – Imagem obtida da goiaba (CT).
 Fonte: Obtenção pelo Software VideoView, 2023.

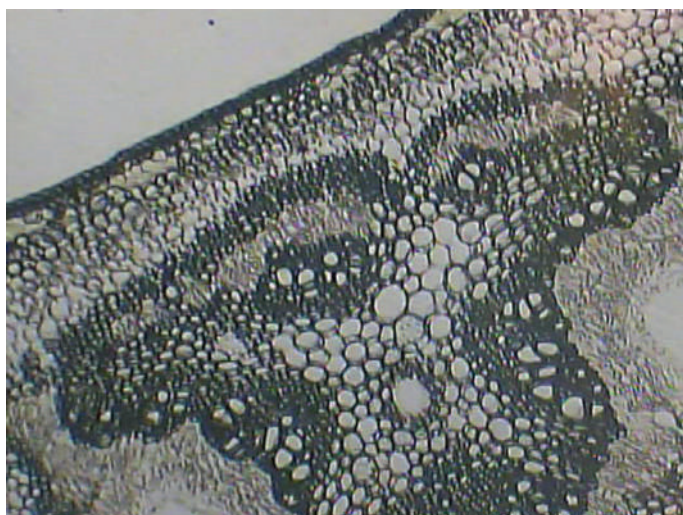


FIGURA 41 – Imagem obtida do caju (CT).
 Fonte: Obtenção pelo Software VideoView, 2023.

Já em corte paradérmico superior, observam-se abaixo a epiderme dos vegetais conhecidos popularmente como capim santo e figatil, respectivamente.

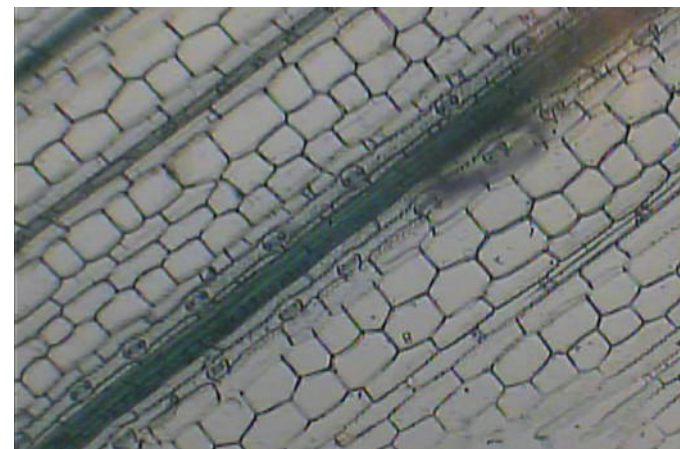


FIGURA 42 – Imagem obtida do capim santo (CPS).
 Fonte: Obtenção pelo Software VideoView, 2023.



FIGURA 43 – Imagem obtida do figatil (CPS).
 Fonte: Obtenção pelo Software VideoView, 2023.

Em corte paradérmico inferior, pode-se observar abaixo a epiderme dos vegetais conhecidos popularmente como caju e laranja, respectivamente.

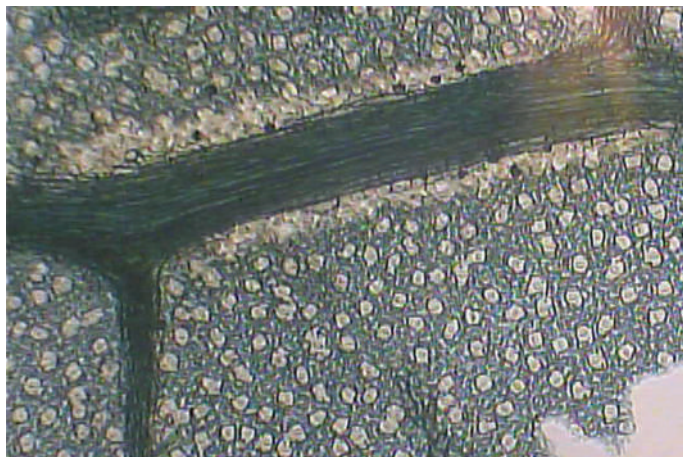


FIGURA 44 – Imagem obtida do caju (CPI).
Fonte: Obtenção pelo Software VideoView, 2023.

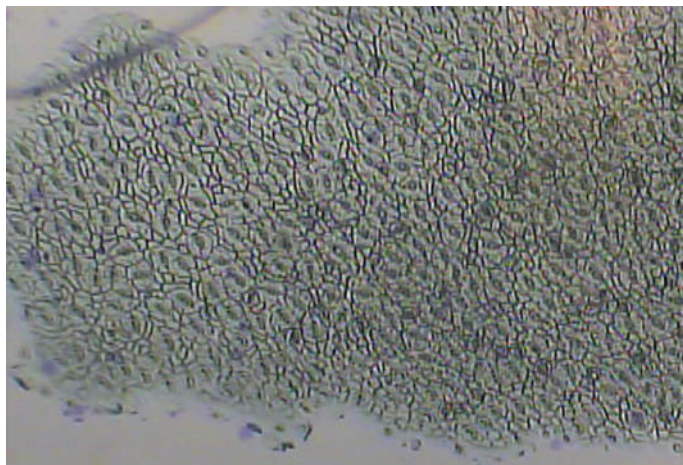


FIGURA 45 – Imagem obtida da laranja (CPI).
Fonte: Obtenção pelo Software VideoView, 2023.

Considerando a impossibilidade de demonstração da cor dos cortes histológicos documentados por meio do software *VideoView* e impossibilidade de ampliar o campo de visão das lâminas preparadas, algumas lâminas foram fotografadas com o auxílio de celular pessoal e estão disponíveis para visualização, abaixo.



FIGURA 46 – Fotografia da lâmina do vegetal laranja (CT).
Foto: Larissa Pereira (2023).



FIGURA 47 – Fotografia da lâmina do vegetal Caju (CT)
Foto: Larissa Pereira (2023).

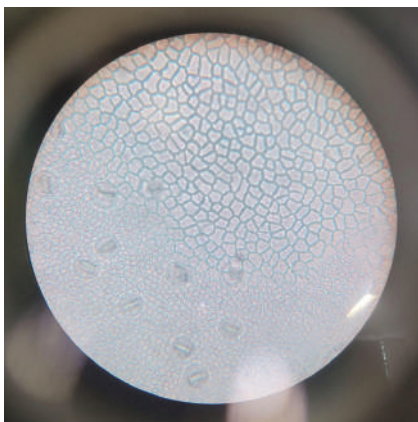


FIGURA 48 – Fotografia da lâmina do vegetal laranja (CPS).
Foto: Larissa Pereira (2023).

Cabe ressaltar que, das 53 espécies de plantas para fins medicinais, realizou-se a produção de laminários e exsiccatas apenas de parte dessas espécies, porém, os produtos obtidos demonstram potencial de informações para práticas de ensino, pesquisa e extensão possíveis de serem produzidas.

Portanto, a experiência desenvolvida durante o projeto Jequibay possibilitou ampliar os saberes sobre o povo Pankararu Pataxó, experienciar momentos de práticas e estudos sobre a memória e cultura de um povo e desenvolvimento de pesquisas e práticas de laboratório na área das Ciências Biológicas relacionados às plantas cultivadas nesse território indígena para fins medicinais. Além disso, oportunizou também a construção de materiais que poderão ser utilizados em novos estudos e práticas de ensino, pesquisa e extensão.



Referências

AMOROZO, M. C. M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais.** In: DI STASI, L. C. Plantas Medicinais: Arte e Ciência; um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996. p. 47-68.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural.** Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP. Ed. da Unicamp, 2011.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.** São Paulo; Perspectiva, 2012.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade;** tradução Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CARNIELLO, M. A. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil.** 2007. 198f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista/UNESP, Rio Claro, 2007.

CARRARA JR, E.; MEIRELLES, H. **A indústria química e o desenvolvimento do Brasil: 1500-1889.** São Paulo: Metalivros, 1996.

COSTA, J. C. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais em comunidades rurais e urbanas do Seridó Paraibano, Nordeste do Brasil.** 2013, 111p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Patos - Paraíba.

FOGAÇA, Sérgio. **Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória.** 1ª ed. São Paulo: Nota musical Comunicação, 2017.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** São PAULO Ateliê Editorial, 3ª edição, 2002.

LE GOFF, Jacques. História. In: _____ **História e Memória.** 5ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1-171.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

MEIHY, José Carlos S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada.** São Paulo: Contexto, 2020. 192 p.

MOITA, Lopes. **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MORENO, César. **A colonização e o povoamento do Baixo Jequitinhonha no século XIX.** Santa Tereza/Belo Horizonte: Canoa das Letras, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problematização dos lugares.** Proj. História, São Paulo, (nº 10, p. 8, 1993). Tradução Yara Aun Khoury – Departamento de História da PUC-SP.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Educação e sociedade: o discurso pedagógico entre o conhecimento e a informação.** Aceito em 1ª de agosto de 2016. Labeurb/Unicamp – PPGCL/Univás, Brasil.

PANKARARU, N. B.; DA SILVA, W. B.; SOARES, R. S.; PEREIRA, L. D. A.; SILVA, S. A.; DE MELO, L. G. AGROBIODIVERSIDADE: Considerações acerca dos saberes do povo Pankararu Pataxó, residentes no médio Jequitinhonha/MG, que implicam na preservação ambiental da cultura, da fauna e da flora regional. **I Seminário sobre Agrobiodiversidade IFNMG – 2022.**

PEIXOTO, P.H.P. **Propagação das plantas:** Princípios e práticas. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.ufjf.br/fisiologiavegetal/files/2018/07/Propaga%C3%A7%C3%A3o-Vegetativa-e-Sexuada-de-Plantas.pdf>, acesso em 20/08/2020.

PIRES, M. V.; ABREU, P. P.; SOARES, C. S.; SOUZA, B. MARIANO, D.; SILVA, D. C.; ROCHA, E. A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Rev. Brasileira de Biociências,** Porto Alegre, v.7, n.1, p.3-8, 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/34380379-Artigo-etnobotanica-de-terreiros-de-candomble-nos-municipios-de-ilheus-e-itabuna-bahia-brasil.html>>.

POLLAK, Michael Memória e Identidade Social. **Conferência em estudos históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Esta conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha.

RICOEUR, Paul, 1913. **Memória, história, esquecimento.** Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS JUNIOR, Natalicio Batista dos. **Fotografia e memória: contra a ação do tempo, foto fortalece tradição das técnicas de memorização.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E MÍDIA, 5., 2008, São Paulo.

SILVA, Cleonice Maria. O desaparecimento das plantas medicinais do cerrado: as implicações nas práticas de cura dos(as) raizeiros(as), benzedores(as), curandeiros(as) e pajés das comunidades indígenas Pankararu-Pataxó e Aranã. **(Monografia)** Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado. Centro UnB Cerrado, Universidade de Brasília, 2018.

SOUZA, João Valdir Alves de; HENRIQUES, Márcio Simeone (org.). **Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos**. Belo Horizonte: UFMG/ PROEX, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. **Reflexões sobre a aldeia Cinta Vermelha Jundiba**. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/files/journals/5/articles/5052/attachment/5052-15767-1-AT.pdf>. Acesso em: 27 de jun. de 2019.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. **Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências**. Revista Ensaio | Belo Horizonte | v. 17 | n. 2 | p. 308-328 | maio-ago | 2015.